

# Sumário dos Ecos de janeiro-fevereiro de 2007

## Sumário

### 2 Editorial

#### Vida Espiritual

### 3 Construir relações afetivas

Padre Grégory Gay, Superior geral

### 7 Carta de 1º de janeiro de 2007

Irmã Evelyne Franc, Superiora geral

### 11 Pista para o retiro mensal: As mãos de Deus e as nossas

Padre Javier Alvarez, Diretor geral

### 15 “A caridade de Jesus crucificado impele” Maria a tornar-se Mãe da Igreja, Serva de todos os homens

Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade

#### Desafios atuais

### 21 Introdução

### 23 A hospitalidade

Padre Richard McCullen, cm

#### Atualidade das Províncias

#### Nomeações

### 32 Visitadoras e Diretores provinciais

#### Visita dos Superiores

### 34 Mère Evelyne Franc e Irmã Blanca Libia Tamayo: Visita da Província da Venezuela

Irmã Bérénice Jiménez, correspondente dos Ecos

#### Testemunho das Irmãs

### 37 Província de Siena: 150 anos de história das Filhas da Caridade

Irmã Patricia Bin, Filha da Caridade

### 41 Província da África Central: Visita de Irmã Juana Elizondo

Irmãs Christine Nsayisenga e Scholastique Mujawamariya, Filhas da Caridade

### 42 Província de Chelmino: Irmã Bárbara Samulowska

Irmã Hanna Cybula, Visitadora de Chelmino

#### Notícias Breves

- 58 Obtenção para a Companhia do Estatuto consultivo junto ao Conselho Econômico e Social da ONU
- 59 25 Anos de vocação (Província da África Central)  
Uma luz na escuridão (Província de Nápoles)

### **História da Companhia**

- 60 Introdução  
Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos

### **Fontes e Atualidades**

- 62 O ofício da Cozinheira, visto por Santa Luísa  
Irmã Aline Grodziski, Serviço dos Arquivos

### **Especial do Centenário de nascimento de Mère Guillemín**

- 66 Mère Suzanne Guillemín, Filha de Deus, Filha da Igreja,  
Superiora geral da Companhia  
Introdução  
I – Suzanne Guillemín, Filha da Caridade  
Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos

## **Editorial 2007**

Com a Igreja, no 1º de janeiro de cada Novo Ano, nós celebramos Maria, Mãe de Deus. No decorrer dos séculos, católicos e ortodoxos acrescentaram à sua corôa de glória as pedras mais preciosas: Imaculada Conceição, Virgem puríssima, Nossa Senhora da Assunção, etc. Mas, o diamante mais bonito de sua corôa, o título mais precioso, aquele do qual todos os outros são originários é, sem dúvida, o destinado pelo Conselho de Éfeso no dia 22 de junho de 431: Théotokos, Mãe de Deus. Através do seu sim, a Virgem Maria é mãe do seu Salvador: ela acolheu a Palavra de Deus: nela o Verbo se fez carne.

Perfeitamente Mãe de Deus pela fidelidade contínua à sua vocação, ela é também a Mãe dos homens e se interessa pela história de cada um de seus filhos. Única Mãe da Companhia, ela acompanha a vocação de cada Irmã e seu serviço junto aos pobres deste mundo.

Cada um dos dias deste ano de 2007, Maria estará presente na Companhia e derramará sobre nós, Filhas da Caridade, os raios luminosos da graça de Deus:

- Ano de graça porque Maria nos obterá a luz do Espírito Santo para a Companhia que vai brevemente engajar-se numa reflexão durante as Assembléias domésticas, com ajuda das orientações do Padre Álvarez que encontraremos nos próximos números.

- Ano de graça que verá a beatificação de Irmã Lindalva Justo de Oliveira, Filha da Caridade brasileira: a violência de sua morte torna viva a mensagem de sua vida simples. Nós também nos lembraremos da vida exemplar de Mère Suzanne Guillemín neste ano do centenário de seu nascimento.

- Ano de graça porque os pobres continuarão nos evangelizando: eles nos farão cantar as maravilhas que Deus realiza na vida deles e na nossa. Na oração, pediremos a Maria para que as jovens respondam generosamente ao apelo de Cristo, Servo dos pobres. Com elas, nós nos comprometeremos a diminuir a miséria, a exclusão, o sofrimento.

Portanto, tudo começa mais uma vez. *“A caridade do Cristo crucificado nos impele”* como Irmã Evelyne lembra na meditação de sua Carta de 1º de janeiro de 2007.

**PE. G. GAY, SUPERIOR GERAL**

## **Construir relações afetivas**

Conferência feita na Casa-Mãe, em 1º de janeiro de 2007.

*Sob o amparo de vossa misericórdia, nós nos refugiamos Santa Mãe de Deus. Não desprezeis nossas preces quando estamos em provação, mas livrai-nos de todos os perigos, Ó Virgem Gloriosa e bendita.*

A Igreja celebra hoje a solenidade de Maria, Mãe de Deus, e é no contexto desta festa que eu gostaria, minhas Irmãs, nesta manhã, de partilhar minhas reflexões.

Navegando na Internet estes últimos dias, fiquei impressionado com um artigo. Tratava-se de uma mulher que tinha pendurado uma corôa em sua porta em sinal de protesto contra a guerra no Iraque. Interrogada pelas autoridades locais sobre o sentido desta corôa, a mulher simplesmente respondeu que era a demonstração exterior de seu desejo "interior" de paz no Mundo. Os vizinhos murmuravam que era um sinal satânico e antipatriótico pendurar isto em sua porta. Ela teve que pagar uma multa bastante importante pelos dias que esta corôa ficou pendurada em sua porta.

Vivemos num mundo estranho, minhas Irmãs, no qual as expressões e sinais de paz são considerados como símbolos satânicos onde as pessoas são penalizadas quando elevam a voz ou empreendem ações em favor da paz.

Desde o início da guerra no Iraque, assiste-se a uma escalada de violências e mortes. Durante os últimos meses do ano de 2006 fomos testemunhas da destruição total causada pelos bombardeios no Líbano por Israel, enquanto que os poderosos do mundo pareciam estar na incapacidade de pôr fim a este combate sem sentido.

Vivemos num mundo onde:

- A violência armada faz numerosas vítimas, sobretudo, entre os pobres,
- A Aids matou mais ou menos 2,5 milhões de pessoas em 2006,
- As críticas maldosas interpretam deturpadamente palavras e atos para neles encontrarem falhas e semear a discórdia. (Cf. Discurso do Papa Bento XVI na Universidade de Ratisbonne).

Recentemente, eu tive a possibilidade de visitar a República de Cuba. É incrível! Parece-me que todo o sistema de governo e sua ideologia criam uma situação na qual o povo cubano não se beneficia de qualquer direito. Só a verdade poderá abrir um caminho de liberdade neste país.

É o mundo no qual nós vivemos e fazemos parte. Ele exerce em nós sua influência. Neste mundo, nós não somos chamados unicamente a dizer uma palavra que seja simples e verdadeira, mas a nele desenvolver relações impregnadas de afeição.

No início deste Novo Ano, podemos fazer nossas estas palavras de Teilhard de Chardin: *“Eu creio que o mundo é uma evolução. Eu creio que a evolução converge para o Cristo Universal...O Messias que apareceu por um tempo no meio de nós, deixou-se ver e tocar por*

*apenas um momento. Depois, eclipsou-se ainda, mais luminoso e inefável do que nunca... O Cristo conduz a humanidade de maneira imanente e transcendente para o Reino de Deus... Nós devemos esperá-lo. O Senhor virá sem demora se nós O esperarmos ardentemente”.*

Teilhard, o filósofo dá assim sua definição poética da esperança. Diante deste mundo no qual vivemos, somos chamados a manter viva a esperança, a esperança de que a vida vale a pena ser vivida e que há um futuro possível. Somos chamados a guardar viva a esperança de que nossa missão e serviço continuam sendo meios de salvação no seio da Igreja e para o mundo, particularmente para os pobres e aqueles que sofrem.

A Mãe de Deus está em relação constante com Aquele que ela trouxe em seu seio. Modelo da humanidade, Maria nos ensina a nos tornar mais humanos e a testemunhar o que isto significa no mundo de hoje. Ela nos convida a todos a participar na obra da criação.<sup>1</sup> Maria não deve ser considerada apenas como um exemplo maravilhoso do passado, mas como uma presença ativa no meio de nós.

Cantamos o Magnificat porque um dia, Maria o cantou ou cantamos hoje com Maria, as maravilhas da ação de Deus na vida dos homens? Como Maria nós não glorificamos o Senhor somente com nossos lábios, mas nós nos engajamos por toda a nossa vida a serviço da justiça de Deus. Como testemunha viva da graça de Deus e de nossa esperança em Cristo, Maria pode nos ajudar a construir um mundo de relações afetivas. Ela é aquela que no silêncio e no recolhimento, vela sobre os acontecimentos e aceita na fé o sofrimento? No episódio de Jesus no templo, a repreensão feita à sua incompreensão, Maria se engaja num caminho de fé mais profundo.

A vida tem sentido e a esperança é mantida se cuidamos continuamente de nossa vida de relações. Como Filhas da Caridade, as Linhas de Ação inter-Assembléia de 2003-2006 convidadas a isto de múltiplas maneiras. A fim de revitalizar suas relações, vocês são chamadas a irem além do caminho percorrido, a darem um novo elã à sua vida espiritual estando sempre atentas ao Espírito que age na vida dos povos e nos acontecimentos do mundo.

São convidadas também a intensificar sua colaboração com os leigos, a Família Vicentina e outros órgãos para realizarem projetos concretos a longo prazo.

São animadas a criar comunidades alegres onde a diversidade é aceita como um enriquecimento e onde se pode viver a participação, a co-responsabilidade e a subsidiaridade em todos os níveis.<sup>2</sup>

Construir relações fraternas em comunidade exige:

- Uma verdadeira prática da humildade, da simplicidade e da caridade;
- Um diálogo e intercâmbios vividos no respeito e na benevolência.
- A discrição, a prudência.

Para não faltar à simplicidade, à humildade e à caridade, façamo-nos estas três perguntas antes de falar de uma outra Irmã em Comunidade:

- \* Por que é importante para mim falar desta Irmã com outra pessoa?
- \* O que eu vou dizer desta Irmã poderá prejudicar a sua dignidade?
- \* Será que eu ficaria contente de escutar alguém falar de mim do mesmo modo?

Construir um mundo de relações fraternas significa que é necessário começá-las em sua comunidade local.

Devemos sempre refletir sobre o que nós falamos aos outros e o que dizemos dos outros. Busquemos sempre dizer palavras construtivas e, assim, glorificaremos a Deus.

No que se refere às suas relações com os pobres, vocês são chamadas a desenvolver a arte de servi-los, uma arte fundamentada no amor, a intensificar sua proximidade de vida e de coração com eles.

Mesmo que certas pessoas não compreendam talvez sua vida de serviço, rezo para que o testemunho de vocês seja interpelante para as jovens que desejam partilhar a vida de serviço, de comunidade e de oração de vocês.

Como conclusão, escutemos juntos o Testamento de Santa Luísa. É minha oração por cada uma de vocês, no início deste Novo Ano de 2007:

*“Minhas queridas Irmãs, continuo a pedir a Deus sua bênção por vós e lhe peço que Ele vos conceda a graça de perseverar em vossa vocação para servi-lo da maneira que Ele vos pede. Tende grande cuidado com o serviço dos pobres e, sobretudo, vivei juntas numa grande união e cordialidade, amando-vos umas às outras, para imitar a união e a vida de Nosso Senhor. Pedi à Santíssima Virgem seja ela vossa única Mãe”.*

Padre G. Gregory Gay, cm  
Superior Geral

### **MÈRE E. FRANC, SUPERIORA GERAL**

À todas as Filhas da Caridade

**Carta de 1º de janeiro de 2007**

Minhas queridas Irmãs,

Feliz e santo Ano para cada Irmã e obrigada por todas as cartas e diversas mensagens que me transmitiram seus votos de Natal e Ano Novo descrevendo-me os detalhes, às vezes com inspiração e, sempre, com legítima e humilde confiança os serviços realizados por sua comunidade local. A leitura destas cartas sensibilizou-me e partilhei sua alegria por ser de Deus na Companhia, como o amor por nossos irmãos e irmãs mais abandonados, a dor em não poder fazer mais com eles e por eles. Percebi também nelas – e isto vindo de todas as Províncias – a revolta diante das injustiças de nossa sociedade e um grande desejo de aproximação com os pobres para viver em comunhão de coração com eles, rompendo com a dureza e a artificialidade envolventes de nosso mundo.

Em sua mensagem para a celebração do dia mundial da Paz, neste primeiro de janeiro de 2007, Bento XVI descreve assim a tarefa confiada a cada ser humano: *“amadurecer pessoalmente na capacidade de amar e de fazer progredir o mundo, renovando-o na justiça e na paz”*. Nosso dom total a Deus, nossa vocação de Filhas da Caridade nos conduz mais adiante ainda nesta mesma linha: *“o serviço de Cristo nos pobres é um ato de amor – amor afetivo e efetivo – que lhes orienta a vida e que é a expressão por excelência do “estado de caridade” (C. 24a)”*. É igualmente o plano de vida que nos propõe a divisa escolhida por Santa Luísa: *a Caridade de Jesus crucificado nos impele*.

Gostaria de colocar os votos deste ano sob o sinal de nossa divisa. Todas sabem que a partir deste ano de 2007, nós iremos iniciar o caminho que nos conduzirá à Assembléia geral de 2009. Viverão suas Assembléias domésticas em 2007 e uma parte de 2008, em seguida, as Assembléias provinciais em 2008. E, finalmente a Companhia celebrará sua Assembléia geral em 2009. Parece-me fundamental que todas nós abordemos estas Assembléias com um espírito novo,

embora se trate de nossa oitava Assembléia doméstica! Penso que uma reflexão sobre nossa divisa pode nos preparar para isto.

Santa Luísa escolheu um símbolo que continha o essencial de sua experiência de fé: um coração cercado de chamas sobre o qual se destaca Jesus crucificado, circundado pela divisa:

***“A Caridade de Jesus crucificado nos impele”.***

Desde 1643 este sêlo e esta divisa acompanharam as cartas de Santa Luísa. A Companhia continua utilizando o sêlo e a divisa desde aquela época. Mas, para nós, o que representam eles? Uma herança do passado que nós respeitamos ou um símbolo rico com o qual nós nos sentimos identificadas, que nos lança ao serviço de nossos irmãos e irmãs empobrecidos? O que nos diz esta divisa hoje? Como se apresenta ela em nossos atuais documentos?

A Caridade de Jesus crucificado... é o fundamento de nossa vocação, é saber que somos amadas pelo Senhor, chamadas a testemunhar com nossas Irmãs em comunidade este mesmo amor, e nos sentirmos enviadas para que os pobres possam fazer esta experiência.

A caridade de Jesus Crucificado

- *“as faz amar a Deus de todo coração;*
- *favorece e mantém a comunhão entre as Irmãs;*
- *as impele a servir os pobres e a ajudar toda pessoa a realizar sua vocação de filha de Deus, sem distinção de raça, de cultura, de condição social ou de religião”* (C. 18c).

A Caridade de Jesus crucificado é a fonte e inspiração de nossa vida de fé, de nosso serviço e de nossa vida fraterna em comum. É um amor que se nutre e se fortalece na *“Eucaristia, centro de nossa vida e de nossa missão, encontro essencial cada dia com Cristo e os irmãos, na escuta da Palavra, na comunidade reunida”* (Cf. C. 19 b, c, d).

A Caridade de Jesus crucificado é *“A paixão por Jesus Cristo que nos faz ir aos Pobres com audácia, compaixão, criatividade”* (Linhas de ação); a Caridade de Jesus crucificado nos compromete a olhar a realidade e acolhê-la como Jesus o fez: *“Na escola do Filho de Deus, as Filhas da Caridade aprendem que nenhuma miséria lhes deve ser estranha”* (C. 11a).

Ela nos impele a abordar nossas realidades com um novo olhar, amoroso, cheio de esperança *“Eu vejo com os olhos de Cristo e posso dar ao outro muito mais do que as coisas externamente necessárias: posso dar-lhe o olhar de amor de que ele precisa”.* (*Deus Caritas est*, nº 18).

Este ano de 2007, ano das Assembléias domésticas é para a Companhia inteira uma graça nova, um apelo do Senhor a avançar na fidelidade ao carisma com a imaginação da caridade, com um novo estilo, um ardor e uma esperança fundamentados na fidelidade de Deus, sobre a Caridade de Jesus crucificado que nos impele.

Desejo que estas Assembléias nos dêem a ocasião de pensar juntas em gestos proféticos simples. Estes mostrarão que nosso coração vive do amor de Cristo, deixa-se seduzir por Ele, que nossa vida é d’Ele e para Ele, pertence aos pobres e para os pobres; gestos proféticos que manifestem nossa maneira de viver a missão, em proximidade com os pobres, num acolhimento humilde que não exclui ninguém, numa gratuidade silenciosa que dá tudo e nada deseja em troca; gestos proféticos que falem de Deus e que a Ele conduzam, com um estilo de vida simples e pobre longe das seduções do conforto e do que Bento XVI chamou *“a ameaça da mediocridade, do aburguesamento e da mentalidade consumista”* em sua mensagem dirigida aos representantes da vida consagrada em maio passado em Roma.

Para admitir, ousar tais gestos proféticos, para acolher este sôpro novo, precisamos viver em comunhão com Jesus, de modo que nosso ser e nosso agir procedam d’Ele.

*“Na oração conhecemos a vontade de Deus, aperfeiçoamo-nos, tomamos novas forças para resistir às tentações e fortalecemo-nos em nossa vocação; enfim é nela que a nossa alma tem a felicidade de falar intimamente com Deus”* (Conf. de São Vicente, 31 de maio de 1648, pág. 268).

Com a força do Espírito, seremos capazes de enfrentar os tempos inclementes de nossa época, o desgosto da vida cotidiana, as perigosas doenças do desencanto e do individualismo. Com o elã do Espírito, nosso coração queimará cada vez mais do amor de Jesus crucificado.

Permitam-me retornar ao ano de 2006 para agradecer-lhes o acolhimento que dedicaram às Conselheiras gerais e a mim, por ocasião de nossas visitas às suas Províncias. Estas foram ocasiões de louvar o Senhor da Caridade por tantos testemunhos de alegria e de fé. Quero também destacar outras pedras brancas que também marcaram o ano de 2006: Alguns encontros (Encontro dos Diretores provinciais recentemente nomeados, Encontro Inter-Assembléias das Visitadoras), acontecimentos missionários (os inícios na Tanzânia, Envios às missões Ad Gentes), a comunhão de todas nós aos sofrimentos das Irmãs e dos pobres que enfrentaram uma violência cada vez mais banalizada (em vários países da África, América Latina e Caribe) ou que foram provados por catástrofes naturais (na Indonésia, nas Filipinas, no Vietnã, na Índia).

Agradeço igualmente pelas celebrações que marcam o bicentenário de nascimento de Santa Catarina e o centenário de Mère Guillemin. O ano de 2007 nos promete a grande alegria da beatificação de Irmã Lindalva Justo de Oliveira no Brasil.

Neste início de ano, dirijo à Maria uma oração, pedindo-lhe que nos acompanhe, nos disponha a viver as Assembléias domésticas na escuta do Espírito que nos convida a explorar caminhos novos com a bagagem da humildade, da simplicidade e da caridade.

Concluo fazendo minha esta oração do Santo Padre Bento XVI, em sua mensagem pelo dia da Paz deste ano: *“Possam Maria mostrar-nos no seu Filho o Caminho da paz, e ilumine os nossos olhos, para que saibamos reconhecer o seu Rosto no rosto de cada pessoa humana, coração da paz!”*

Com minha dedicada afeição e a certeza de minha oração,

Irmã Evelyne Franc  
*Filha da Caridade*

**PADRE JAVIER ÁLVAREZ, DIRETOR GERAL**

Pista para o retiro mensal

As mãos de Deus e as nossas

*“Um leproso aproximou-se de Jesus...: “Se queres, podes purificar-me”.  
Jesus compadeceu-se dele, estendeu a mão, tocou-o”. (Mc 1, 40-41)*

Deus não está ausente da vida, embora frequentemente seu silêncio nos desconcerte. Às vezes, porém, nós sentimos tão forte sua presença que exclamamos: “Deus passou por aqui, é

obra de suas mãos!” Isto pode ser sua mão direita que nos oferece diretamente sua graça. Isto pode ser sua mão esquerda que também nos oferece, mas de uma maneira mais indireta, mais inesperada. Às vezes, é doloroso. Se pensarmos em exemplos precisos: será que não foi a mão de Deus que salvou Pedro do abismo das águas e o fez subir na barca com segurança? (cf. Mt. 14, 24-33). Não terá sido a mão de Deus que derrubou Paulo em seu caminho de perdição e o conduziu à fé? (cf. At. 9, 1-35). Será que não foi a mão de Deus que indicou a Vicente de Paulo o caminho dos pobres? Será que não foi a mão de Deus que impulsionou João XXIII a abrir as portas e as janelas da Igreja?

## AS MÃOS DE DEUS

Para nos aproximarmos de Deus, podemos nos servir da imaginação. A Sagrada Escritura o faz sempre. É por isso que encontramos nela imagens tão numerosas quanto variadas. Falar das mãos de Deus é falar, sobretudo, de sua ação criadora e providencial. “*Além do mais, todos estes seres, foi minha mão que os fez*” (Is 66, 2), exclama Deus no sétimo dia da criação. Em relação ao ser humano, Deus se apresenta como o oleiro que cria o homem à sua imagem e semelhança: “*O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra*” (Gên. 2, 7). Se mudarmos de perspectiva, é uma grande oportunidade para o ser humano de poder sentir as chagas das mãos de Deus (cf. Jer 18,6; Sab. 3,1). Evidentemente que, para isto é indispensável que a argila reconheça o oleiro, isto é, que cada um de nós tome consciência disto.

Santo Irineu de Lyon também se aproxima da Trindade através da imaginação. Para ele, Deus o Pai tem duas mãos: Jesus Cristo e o Espírito Santo. Estas são mãos que libertam, que abençoam e que salvam. Da mesma maneira que dizemos que Cristo é o rosto de Deus porque Ele se manifesta através d’Ele de um modo magnífico, do mesmo modo podemos dizer que Jesus Cristo é a mão de Deus, porque o Pai age através de seu Filho com todo poder. No evangelho, as mãos de Jesus curam, distribuem, rezam, abençoam... e tudo isto em nome de Deus, o Pai.

## AS MÃOS DAS FILHAS DA CARIDADE

### 1. Elas devem estar unidas.

Charles Péguy disse que “o cristão é aquele que dá a mão”. Se algumas ficam fora do círculo, essas mãos não são as de Cristo. Elas têm uma outra marca, respondem a outros motivos, trabalham para outros mestres. De acordo com o espírito vicentino, nós podemos propor esta definição, pouco convencional: “a Comunidade é a arte de dar-se a mão”. Há vários modos de dar a mão, todas são belas, evangélicas, samaritanas. Uma dentre elas, é a de levantar o irmão que está caído. Quando se faz isto, então pode-se dizer com o Salmo 112: “*Ele levanta do pó o fraco...para, entre os príncipes, fazê-lo sentar*”. A mão pode ir diretamente sustentar o irmão que é fraco. “*Nós os fortes, devemos suportar as fraquezas dos que são fracos*” diz São Paulo (Rm 15,1). Às vezes, basta uma presença que acompanha, para que ninguém se sinta só. “*Se alguém vem obrigar-te a andar mil passos com ele, anda dois mil com ele*” (Mt 5, 41). É preciso agir assim, generosamente. As mãos também devem saber receber, porque ninguém é tão pobre que não possa dar algo, nem tão rico que não precise do outro. O jogo do dar e receber chama-se partilha e é o que se faz em comunidade. “*Por isso, acolhei-vos uns aos outros, como Cristo vos acolheu para a glória de Deus*” diz São Paulo àqueles que vivem em comunidade (Rm 15,7). Nenhuma destas atividades poderá ser feita, ninguém poderá pensar que as comunidades se renovarão se, antes, “*não recebermos cada Irmã como um dom de Deus*” (Junto ao Poço de Jacó, p. 12).

### 2. Estas mãos devem estar estendidas e abertas.

Elas devem ser também sacramentais, isto é, devem tornar presente a mão de Deus. Elas o serão na medida em que souberem dar e partilhar com generosidade, na medida em que não se fechem com avareza, em que não retenham este dom do qual o irmão necessita, em que não



guardem o tesouro supérfluo, ou que não defendam bens injustos. Foi o que Deus aconselhou ao Povo do Antigo Testamento: *“Se houver no meio de ti um pobre entre os teus irmãos, ...não endurecerás o teu coração e não fecharás a mão diante de teu irmão pobre; mas abrir-lhe-ás a mão...”*. (Dt. 15, 7-8). Abrir sua mão é a mesma coisa que abrir seu coração ao pobre.

São Vicente explicou de um modo bem detalhado que o pobre é o sacramento de Deus. Pode-se acrescentar que todos os vicentinos devem ser sacramentos de Cristo para o pobre. São duas ações recíprocas. Para isto, é preciso que vivamos continuamente na presença de Deus, fiquemos unidos a Ele de tal modo que nosso ser e nossa ação se identifiquem progressivamente a Jesus Cristo. Enfim, devemos ser “outro Cristo”. Isto só será possível se *“o amor de Deus for derramado em nossos corações pelo Espírito Santo”* (Rm. 5, 5). É deste modo que poderemos ser a mão amiga de Deus, a mão cheia de bondade e da ternura de Deus, a mão poderosa e libertadora de Deus.

## COMO ESTENDER A MÃO

Se estender a mão é um gesto importante no Evangelho e essencial à nossa vocação vicentina, o estilo, a maneira de fazê-lo não é menos. *“Como eu vos amei”* nos diz Jesus (Jo 15, 12). É preciso dar a mão:

**Humildemente**, sem vaidade, sem buscar aplausos, sem prestar atenção na obra que se realiza. *“Quando deres esmola, que tua mão esquerda não saiba o que fez a direita”* (Mt. 6,3), nada de brilho, humildemente, não se humilha os pobres. É preciso não ir do alto abaixo, mas de baixo ao alto, porque eles são *“nossos Senhores”*, e mesmo *“fazendo-nos perdoar a ajuda que lhes oferecemos”* dizia São Vicente.

**Generosamente**, com uma generosidade sem limites, sem recompensa, com *“uma medida bem cheia, recalcada e transbordante”* (Lc 6, 38). Jesus Cristo, nós o sabemos bem, deu tudo e doou-se inteiramente, sem medida. *“Vós conheceis a bondade de nosso Senhor Jesus Cristo. Sendo rico, se fez pobre por vós, a fim de vos enriquecer por sua pobreza”* (2 Cor 8,9).

## PARA A ORAÇÃO PESSOAL

**Pode-se meditar a imagem bíblica das mãos de Deus.** (Jr. 18, 1-1; Sab. 3, 1-11).

As mãos de Deus são meu abrigo, meu “templo”, o lugar onde eu posso depositar os medos, as angústias, as dificuldades, as dúvidas... Depois desta meditação, eu ficarei livre porque, estamos realmente nas mãos de Deus.

### **Mãos unidas.**

É como diz a canção *“Para fazer esta muralha, tragam-me todas as mãos, as pessoas de cor, suas mãos morenas, os brancos, suas mãos brancas...”* minhas mãos, constroem elas ou destroem-nas? São elas causa de união ou de dispersão, sabem acariciar ou bater, eis que elas abrem ou fecham?... Como eu posso dar “uma mãozinha” em minha Comunidade?

### **Mãos abertas, mãos estendidas.**

Em que estado estão minhas mãos: cansadas, feridas, calejadas, corajosas, cheias de esperança... para o serviço? Quem precisa de minhas mãos? Do que as minhas mãos precisam para continuar servindo os pobres?

Javier Álvarez, cm  
Diretor geral

## IRMÃ ANNE PRÉVOST

### TODOS CHAMDOS À SANTIDADE

*“A caridade de Jesus crucificado impele”*  
Maria a tornar-se Mãe da Igreja,  
Serve de todos os homens.

### INTRODUÇÃO

Estes três últimos anos nos permitiram mergulhar mais no mistério do dogma da Imaculada Conceição (150º aniversário da promulgação do dogma), das aparições de 1830 (175º aniversário), da vida de Catarina Labouré (bicentenário de seu nascimento). No dia 27 de julho de 2007, nós comemoraremos o **60º aniversário da canonização de Irmã Catarina Labouré**: uma santidade tão discreta e tão extraordinária através de um serviço dos pobres marcado pela caridade de Cristo crucificado. Imaginamos, sem dificuldade, sua vida em comunhão profunda com a Virgem Maria ao longo de seus dias; suas anotações de retiros testemunham e sublinham o lugar de Maria ao pé da cruz: *“Maria está de pé junto à cruz, Ela está no Cenáculo com os Apóstolos. Ela aguarda em silêncio a vinda do Espírito Santo. Que lição! Maria é nosso exemplo... Ó Maria, fazei que eu vos ame e não será difícil vos imitar”* (1841). No dia 27 de novembro de 1830, Catarina já tinha entrado neste mistério através da visão do reverso da Medalha: *“a letra M sobreposta por uma Cruz e, abaixo, os Santos Corações de Jesus e de Maria”*, um corado de espinhos, o outro transpassado por uma lança.

Esta última fase da visão é muito importante para nós porque situa Maria em profunda comunhão com Cristo Redentor: ao mesmo tempo na qualidade de sua Mãe e como a “Serva do Senhor”. No Evangelho, São João, mostrando Maria ao pé da cruz, revela este mistério de estreita união entre a mãe e o Filho e a nova missão para a qual Ele a convida no seio da Igreja nascente.

Se Maria é agora a Mãe da Igreja, ela é também, segundo São Vicente, o modelo da Filha da Caridade convidada a acolher, na escola de Maria, o dom da *“caridade de Jesus crucificado”* para continuar a amá-Lo e servi-Lo na pessoa dos pobres. Não poderíamos parafrasear a divisa das Filhas da Caridade aplicando-a à Virgem Maria: *“A caridade de Jesus crucificado impele Maria a tornar-se Mãe da Igreja, Serve de todos os homens?”* Abramos nosso coração e nosso ser ao Amor do qual Maria é a imagem viva. Com o Espírito que habitava o coração de Maria, releiamos à luz da Cruz alguns acontecimentos de sua vida e descubramos o quanto a caridade a impelia a colaborar no dia-a-dia com o Projeto do amor de Deus para com os homens até tornar-se Mãe da Igreja, Serve de todos os homens.

### **ALGUNS MOMENTOS IMPORTANTES DA VIDA DE MARIA À LUZ DA PAIXÃO DE SEU FILHO.**

Na cena da **Anunciação**, presentimos que o mistério da Anunciação já está ligado ao da cruz; um explica o outro, um é a raiz do outro. Maria diz ao Anjo: *“Eu sou a Serva do Senhor, faça-se em mim conforme a tua Palavra”*. Esta frase significa um profundo consentimento, um desejo, um sim vindo do coração; revela também um espírito de sacrifício: aceitando abandonar seu projeto para abrir-se àquele de Deus, Maria é apenas uma oferenda virginal, disponível a aceitar sua missão de Mãe de Deus. O “sim” de Maria implica na orientação de toda sua vida de acordo com a vontade de Deus e ratifica, por antecipação, todas as escolhas de Cristo, de Belém até à cruz.

O texto da Anunciação não é um texto à parte, não é o relato de um acontecimento absoluto em si mesmo, ele revela o que fez a vida de Maria progressivamente até à Cruz e ao Cenáculo. Em seu hino de louvor, Maria canta magnificamente a ação de Deus sobre ela e sobre o mundo, permanecendo a humilde Serva. Só será ao pé da Cruz que ela compreenderá profundamente o que eram as “grandes obras” de Deus.

O recenseamento impulsionou Maria e José de Nazaré à **Belém**, a aproximadamente cem quilômetros. José encontra um lugar tranqüilo à beira do caminho, longe de sua família, no meio de estranhos. Desde o nascimento de Jesus, o lar de Maria já era aberto aos passantes, aos pobres e aos grandes. Maria apenas começa a longa série de suas surpresas; ela medita todos estes acontecimentos em seu coração. O Senhor não a prepara discretamente à sua missão universal que a espera: acolher todos os homens como irmãos de seu Filho, seus próprios filhos?

Depois da agitação em torno do presépio, ela retorna à vida ordinária de Nazaré e à fidelidade às pequenas coisas da vida. Maria é unicamente serva, continuamente serva. Ela guarda esta facilidade para nunca deixar de pensar em Deus estando próxima de todas as humildes realidades da terra. Ela conhece as pequenas alegrias do dia-a-dia: *“O menino crescia em sabedoria e em tamanho, e em graças diante de Deus e dos homens”*. Ela partilha também a monotonia da banalidade dos dias e o cansaço dos mesmos gestos repetidos diariamente. Não pensemos muito rápido que a vida em Nazaré era idílica. Assim, no momento do **episódio de Jesus permanecido no Templo**, apesar de sua constante atitude de acolhimento e abertura, Maria sente dificuldade em aceitar que o mistério de Deus se manifeste de uma maneira diferente daquilo que ela esperava: *“Não sabeis que devo me ocupar das coisas de meu Pai”*. Os exegetas afirmam que esta página do Evangelho constitui uma meditação antecipada da paixão de Cristo. Jesus permite que seus pais façam a experiência da névoa da incompreensão, da dor daqueles que buscam o Senhor e não O encontram. Estamos aqui, diante do mistério do silêncio de Maria: silêncio humilde que não faz nenhuma pergunta, ela permanecerá silenciosa junto à cruz. A expressão *“ao final de três dias”* representa os três dias da paixão e da morte de Jesus. Somente ao pé da Cruz que Maria compreenderá em profundidade quais são *“as coisas de seu Pai”*.

Dezoito anos passam silenciosamente. O Evangelho nada diz. Jesus foi às margens do Jordão encontrar-se com João e fazer-se batizar por ele. Em casa, Maria continua meditando, pedindo ao Espírito o que Deus deseja que ela seja. Ei-la convidada às bodas em um pequeno município, Caná, muito perto de Nazaré. É impossível traduzir através de palavras a profundidade dos símbolos contida no relato **das bodas de Caná**. Estas bodas, é sinal de outras bodas, a última que Cristo marca com a humanidade em seu sangue na cruz, quando sua “hora” chegou. Caná é o começo dos sinais onde Jesus *“manifesta a sua glória”*, mas é também o anúncio do único e definitivo “terceiro dia”, o da Páscoa: se Caná é o começo, a Paixão será o fim. E o fim da cruz é o começo da Igreja. Maria, pelo lugar que ocupa, desempenha um papel fundamental no simbolismo do relato. Ela não é chamada Maria; é chamada *“a mãe de Jesus”*. Dizendo *“Minha hora ainda não chegou”*, Jesus expressa que Ele não age segundo o desejo de Maria, mas segundo a vontade do Pai. A *“hora”*, de acordo com São João, é sempre a hora da Paixão / Ressurreição. Só o Pai sabe a *“hora”* e decide. Maria não responde ao questionamento de Jesus, mas comunica aos servos o que é ter fé: *“Fazei tudo o que Ele vos disser”*. Sem ter visto, pois Jesus ainda nada fez nem disse, ela se abre à disponibilidade incondicional e confia.

Durante os anos da vida pública de Jesus, Maria não deixará de meditar em seu coração todas estas palavras misteriosas ouvidas desde a Anunciação, sabendo bem que elas lhe manifestavam a vontade de Deus e que um dia, ela as compreenderia.

Maria vai também opor-se às múltiplas crueldades da vida: rejeição a Jesus pelas pessoas de Nazaré (Lc 4, 28), desconfiança demonstrada pelos parentes a respeito de Jesus (Mc 3, 20),

etc. A alma de Maria é profundamente transpassada pela espada. Pois, o mal feito a seu Filho a atinge. Entretanto, Maria continua o seu caminho de comunhão com Ele até sua paixão.

## **MARIA AO PÉ DA CRUZ**

Ao pé da cruz, Maria encontra-se com Jesus sempre ocupado “*com as coisas de seu Pai*”; ela comunga no dom que Ele faz de sua vida. Os olhos fixos em Jesus que morre, revelando assim até onde vai o amor do Pai, Maria entra na profundidade deste mistério de caridade que ela ainda ignorava. Ela foi transpassada pela caridade de Jesus crucificado: “*Perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem*”. Da mesma maneira que se fala da kenosis de Cristo, pode-se falar do despojamento de Maria. Olhando-a, Jesus pode medir o consentimento total de sua mãe no dom que Ele faz de si mesmo, deixando-se imolar na cruz. Os símbolos do reverso da Medalha repetem com profunda simplicidade o mistério de comunhão de Jesus e de Maria. “*Os dois corações dizem bastante*” repetia Santa Catarina.

Na hora em que Deus revela ao mundo a última palavra de sua ação, Maria que tem o hábito de conservar em seu coração todas as palavras de Jesus, está disposta a ouvir o segredo mais profundo de Deus e a respondê-lo. Esmagada no mais profundo de si mesma, Maria não hesita em abrir suas mãos para dar a seu Filho o que Ele precisa. Seu coração se abre sem reservas a estas palavras: “*Mulher eis aí teu filho*”. Nesta mesma hora, a humilde Serva do Senhor, que havia aceitado ser a mãe do Salvador, aceita ser a humilde Serva da caridade de seu Filho para com seus discípulos.

## **MARIA NO NASCIMENTO E NO SEIO DA IGREJA**

Enquanto que o sofrimento poderia tê-la fechado sobre si mesma, Maria abre-se a esta nova relação entre ela e João, mais profunda do que a do sangue e que a faz tornar-se mãe de João, mãe da Igreja nascente: João é seu filho, todos os homens são seus filhos. Seu coração sofredor de mãe é chamado a abrir-se a uma nova maternidade, tão vasta quanto o mundo.

A vida de Maria junto de João se torna rapidamente a vida com os apóstolos e os discípulos. Maria descobre que ela pode amar Jesus através do rosto de todos os seus irmãos. Desde aquela hora, Maria está presente no seio da Igreja. Os apóstolos reunidos no cenáculo, “*eram assíduos à oração, com algumas mulheres dentre as quais Maria a mãe de Jesus*” (At 1, 14). O texto coloca Maria em último lugar, depois das “mulheres”. São Bernardo vê em tudo nisto um ensinamento: se Maria foi nomeada como última, foi porque ela se colocou em último lugar, a fim de ser a Serva de todos, mas ela é a primeira a imitar seu Filho, além disso, é a melhor lição que ela pode dar aos discípulos, o testemunho falando sempre mais do que as palavras.

No Cenáculo, em oração com Maria, os discípulos que participam da fé de Maria, se tornam “apóstolos”. Com ela, eles aprendem a guardar as palavras de Jesus em seu coração, a acolher o dom do Espírito, a deixar-se queimar pelo fogo do Amor crucificado. Em Pentecostes, “a caridade de Jesus crucificado os impele” a testemunhar o amor infinito de Deus pelos homens. Os apóstolos são encarregados de construir o Corpo de Cristo. Esta construção não é o efeito do poder de convicção ou sedução deles. Eles não comunicam primeiro uma mensagem ou uma doutrina, eles transmitem a caridade de Deus.

## **CONCLUSÃO**

Dando-nos Maria como única Mãe da Companhia, os Fundadores nos convidam a voltarmos para Ela, a fim de aprendermos dela, a melhor conhecer seu Filho, a ler “no Livro da Cruz” o quanto nós somos amados por Ele e a acolher sempre melhor sua Caridade.

Maria é a lembrança viva da missão em sua essência: comunicar, difundir, transmitir a Caridade de Deus. Com ela, os fundadores se deixaram iluminar interiormente; invadidos pela Caridade de Deus, suas atividades, seus serviços e toda sua vida manifestaram a Caridade de Jesus crucificado, o amor ardente de seu Coração desejando intensamente inflamar a terra e transformá-la numa sarça-ardente.

Que Maria, Adoradora do Pai, Serva de seus desígnios de amor, Mãe de misericórdia nos ensine também a servir nossos irmãos e irmãs pobres com esta Caridade infinita de Jesus crucificado. Assim, o nosso serviço se tornará cada vez mais a obra de um Deus que se fez Servo por amor até a morte e a morte de cruz, a fim de nos libertar.

Irmã Anne PRÉVOST  
*Filha da Caridade*

## DESAFIOS ATUAIS

### Introdução

No decorrer do ano de 2006, a rubrica “Desafios atuais” nos apresentou uma série de reflexões que nutriram a Sessão Internacional das Irmãs que estão a serviço dos migrantes. Durante o ano de 2007, a rubrica dará eco às duas Sessões de formação destinadas às pessoas que colaboram com o serviço da Capela da rua do Bac.

Os primeiros números dos Ecos apresentarão em primeiro lugar o tema da primeira Sessão: “O acolhimento” e os números seguintes, o tema da segunda Sessão: “O Discernimento no acolhimento”.

A situação do acolhimento faz parte da pastoral da Capela onde o deslocamento das populações e a diferença entre as gerações que se sucedem são importantes. Com efeito, o acolhimento une de uma maneira ou de outra todo processo pastoral. É evidente que, a diversidade das pessoas que vêm rezar a Nossa Senhora da Medalha milagrosa é muito grande e sua sucessão é rápida. Consequentemente, é mais difícil agir e, sobretudo, satisfazer as expectativas das pessoas. Os temas destas duas Sessões querem nos ajudar a atingir as pessoas em suas realidades familiares, sociais e religiosas e criar condições favoráveis para um encontro com o Senhor. Não é possível considerar todos os tipos de situação encontradas no acolhimento das pessoas, mas as novas situações diante das quais se encontra quem acolhe exige uma constante adaptação. Além disso, para os Padres, as Irmãs e os voluntários que estão a serviço da pastoral da Capela trata-se de se lembrarem que acolhem as pessoas “em nome da Igreja”. É uma exigência que todo cristão deve ter em sua vida de relação.

A rubrica “Desafios Atuais” apresentará sucessivamente os conferencistas e os temas que eles expuseram:

- **Padre Richard McCullen:** suas conferências ajudarão a entrar na dinâmica espiritual do acolhimento e da hospitalidade.

- **Professor Henri Joyeux** esclarecerá a noção da universalidade da pessoa com modos de vida que modificam nossas escalas de valores. Situará sua conferência no domínio da vida familiar (Professor de cancerologia e cirurgia digestiva na Faculdade de Medicina de Montpellier, na França, Presidente desde 7 de abril de 2001 do Movimento das “Famílias da França”, livre de qualquer confissão, política, sindicato ou ideologia).

- **Padre Joseph-Marie Verlinde**: partindo de suas pesquisas e de sua experiência pessoal, exporá como enfrentar o aumento do sincretismo, da atração pelas religiões do Oriente, do relativismo religioso nascente e da proliferação das seitas. (Doutor em filosofia e em química nuclear, Joseph-Marie Verlinde é também especialista nas questões relativas ao esoterismo, ao ocultismo e às novas religiosidades. Prior da fraternidade monástica da Família São José, é professor de filosofia da natureza e de teologia no Seminário).

- **Padre Pierre Descouvemont** apresentará as diferentes atitudes possíveis face à diversidade das religiões e fará uma reflexão destacando a ambiguidade e os mal-entendidos que cercam a fé cristã, neste tempo de profundas mutações. (Filósofo, teólogo, pregador de retiros e conferencista, ele é o autor de cerca de vinte obras das quais algumas tornaram-se indiscutíveis no aspecto da transmissão da fé católica).

A rubrica terminará com um panorama dos últimos vinte anos desde a Encíclica *Redemptoris Mater*.

## DESAFIOS ATUAIS

PADRE RICHARD MACCULLEN

### A hospitalidade

Quando eu estava no Seminário, nos ensinavam como era necessário pregar e preparar as homilias. Uma das regras era: não começar no Jardim do Éden, primeiro capítulo do Gênes. Agora, eu vou quebrar esta regra e ir mesmo mais longe que o primeiro capítulo do Gênes. Deixem-me reescrever a primeira linha da Bíblia e dizer: “No princípio era a hospitalidade”. Mergulhando nas névoas da eternidade, graças às luzes de nosso conhecimento atual, podemos dizer que no princípio era a hospitalidade, a hospitalidade de Deus. Graças à luz da Revelação, sabemos agora que quando celebramos o mistério da Santíssima Trindade, celebramos o fato que a vida de Deus é uma vida de partilha. É uma vida de hospitalidade: o Pai dando hospitalidade ao Filho, o Pai e o Filho dando hospitalidade ao Espírito e o Espírito dando hospitalidade ao Pai e ao Filho. E isto desde toda eternidade. A partir das linhas de abertura de nosso Credo, professamos nossa fé no mistério da Santíssima Trindade.

Com o tempo, Deus alargou o círculo da hospitalidade, porque ele quis que nós, seres humanos, obras de suas mãos, pudéssemos desfrutar da hospitalidade das pessoas da Trindade da qual ele desfrutou desde toda eternidade. Por isso, Ele criou o Céu e a Terra e, em seguida, nós os homens. Para nos dar acesso à hospitalidade da Trindade “*O Verbo se fez carne e habitou entre nós*” (Jo 1,14). “*A todos que o acolheram, Ele deu o poder de se tornarem filhos de Deus*” (Jo 1,12). Tudo isto se tornou possível quando Maria de Nazaré aceitou dar a hospitalidade de seu seio, – e primeiramente de seu espírito e de seu coração –, a Deus que a pediu por intermédio do Anjo Gabriel: “*Que tudo se realize conforme a tua Palavra*” (Lc 1,38). “*O Verbo se fez carne e habitou entre nós*” (Jo 1,14).

A primeira experiência da hospitalidade todo ser humano a faz no ventre de sua mãe. Isto não foi diferente para o Verbo eterno de Deus que pediu a hospitalidade no ventre da Virgem Maria. É ela, de todos os membros de nossa raça humana perdida e pecadora que poderia nos fazer compreender melhor o significado da hospitalidade cristã e nos dizer como, agora, oferecer a hospitalidade a seu Filho que agora vive na pessoa dos batizados e está presente de uma maneira especial, na pessoa dos pobres.

É à nossa fé cristã que a Palavra de Deus continua a pedir a hospitalidade ao coração de todo ser humano nascido neste mundo. Na realidade, poderíamos dizer que o fundamento de todo apostolado missionário na Igreja é o de proclamar a Boa Notícia da oferta da hospitalidade de Deus no seio da Igreja e, no fim de nossa vida, por toda a eternidade, a mesma hospitalidade em seu próprio coração amoroso. Não nos assegurou: *“Se alguém me ama, ele guardará minha palavra e meu Pai o amará, e nós viremos a ele e faremos nele nossa morada”* (Jo 14,23) e no Livro do Apocalipse, Nosso Senhor nos é apresentado como nos dizendo: *“Eis que eu estou à porta e bato, se alguém ouve a minha voz e abre a porta, entrarei e cearei com ele, eu perto dele e ele perto de mim”*. (Ap 3,20)

Notaram o quão freqüentemente, nas parábolas, Nosso Senhor volta ao que nós associamos à hospitalidade: uma refeição festiva? Se convidamos alguém à nossa casa, pensaremos imediatamente em lhe oferecer algo a beber e a comer. É um sinal mínimo de hospitalidade. Alguém disse, uma vez, que ao ler o Evangelho de São Lucas, pode-se ter a impressão que Nosso Senhor passa de uma mesa à outra. Jesus sempre aceitou convites para jantar. É bem provável que Ele mesmo tenha recebido pessoas em sua casa. Sabemos sem dúvida que numa ocasião que ficou notável, ele ofereceu uma refeição a mais de 5.000 pessoas. Eu tenho certeza que, naquele dia, havia entre seus convidados muitos pobres, pessoas doentes e deficientes. Está muito claro que Ele pediu e aceitou freqüentemente a hospitalidade na casa de Marta e Maria.

Sim, é uma das grandes verdades de nossa fé que o Cristo pede a hospitalidade de nossos corações, não só no tempo de Natal, mas todos os dias do Ano. Vocês se lembram talvez da bonita leitura tirada do Cântico dos Cânticos, proposta à nossa escolha pela Igreja, alguns dias antes do Natal. A passagem faz parte de uma história de amor. O bem amado nos é apresentado como estando fora da casa de sua bem amada: *“Ei-lo atrás de nossa parede. Olho pela janela...meu bem-amado disse-me: Levanta-te, minha amiga, vem, formosa minha”* (Ct 2,9-10).

Eis uma imagem da relação entre Deus e a Igreja, entre Deus e a alma individualmente. Nosso Senhor freqüentemente se dirige a nós com as palavras do Cântico dos Cânticos: *“Minha pomba, oculta nas fendas do rochedo, e nos abrigos das rochas escuras, mostra-me o teu rosto, faze-me ouvir a tua voz”* (Ct 2,14). Sim, é bem isto: freqüentemente, nós nos voltamos sobre nós mesmos, nos guetos de nossas preocupações egoístas, evitando o olhar do rosto amável de Cristo e surdos à sua encantadora voz. *“Não vos esqueçais da hospitalidade, pela qual alguns, sem o saberem, hospedaram anjos”* (Hb 13,2).

Quando as três pessoas da Santíssima Trindade vierem pedir a hospitalidade de nossos corações, elas não vêm de mãos vazias. Quando, por duas vezes, eu visitei a Família Vicentina na Polônia, fiquei impressionado com um costume que, eu calculo, existe ainda em outros países. Quando alguém visita uma casa, o convidado leva um pequeno presente. Na Polônia, parece-me, é sempre um buquê de flores. Quando se apresenta o nosso Hóspede divino, ele também traz presentes. Às vezes eu penso que é uma das verdades mais subestimadas de nossa fé católica: que toda pessoa batizada é, no mais profundo de si mesma, uma morada do Espírito de Deus. Quando leram as duas cartas de São Paulo aos Coríntios, – entre as quais havia muitos pobres e pessoas mal-educadas –, devem ter notado que, não menos de seis vezes, penalizado pelas recaídas de seus convertidos na imoralidade, o Apóstolo lhes pergunta: *“Não sabeis que vossos corpos são templos do Espírito Santo?”* (1 Cor 4,14; 6,19). No dia de Pentecostes, a Igreja saúda o Espírito de Deus como *“Hóspede suave de nossas almas”*.

A convicção de que o Espírito de Deus vive na profundidade de nosso ser, para tornar fecundo seus dons e amadurecer os frutos implantados em nossas almas, fez Thomas Merton, escritor cisterciense americano bem conhecido dizer: *“Parece que não há meio de fazer com que as pessoas compreendam que elas passeiam brilhantes como o sol”*. E portanto, tal é a nossa fé

católica! Quantas vezes em minha vida, Cristo deve se dispor a soprar em meus ouvidos as palavras dirigidas à Samaritana no Evangelho segundo São João: *“Se conhecesses o dom de Deus... Se conhecesses o dom de Deus”* (Jo 4,10).

É bem uma verdade de nossa fé que o Espírito Santo traz dons, sete dons: sabedoria, inteligência, conselho, força, ciência, piedade e temor de Deus. Diariamente, talvez, nos momentos depois da Santa Comunhão, devêssemos pedir ao Espírito de Deus avivar, durante nosso trabalho diário, os dons que Ele nos concedeu.

O Espírito de Deus, como lembra São Paulo aos Gálatas, também nos enriquece de frutos: *“o fruto do Espírito é caridade, alegria, paz, paciência, afabilidade, bondade, fidelidade, brandura, temperança”* (Gal. 5, 22-23). Nossa oração diária poderia ser a de pedir ao Espírito Santo para nos conceder um novo grau de maturidade nossa caridade, nossa paciência, nossa doçura e nosso domínio próprio.

O grau da santidade de uma pessoa pode ser avaliado de acordo com a sua colaboração com o Espírito Santo que é o Espírito de Cristo ressuscitado. A história de nossa vida será a história do florescimento destes frutos do Espírito Santo nas atividades de nosso apostolado. Como membros de uma equipe de animação, vocês são convidados pelo Cristo ressuscitado a serem transmissores dos frutos do Espírito às outras pessoas na diversidade dos serviços que oferecem aos peregrinos de todos os países e de todas as línguas. Vocês são chamados a serem sacramentos do Amor de Deus, de sua paz, de sua paciência, de sua doçura, de seu domínio. *“Mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus”* (1 Cor 3, 23).

Refletimos sobre a eterna verdade de que a vida de Deus é uma vida partilhada, que viver para a Santíssima Trindade, é viver para oferecer a hospitalidade, primeiro entre Elas, depois com as criaturas. A segunda grande verdade que nós contemplamos é o fato de que Deus pediu a hospitalidade ao meu pobre espírito e ao meu pobre coração. Pelo batismo, eu abri a porta do meu coração para a Santíssima Trindade. *“Se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai o amará, e nós vivemos a ele e nele faremos nossa morada”* (Jo 14, 23). Se aprofundarmos nossa tomada de consciência e nossa estima por este grande mistério da hospitalidade que começamos a viver, ofereceremos mais facilmente nossa hospitalidade aos membros de Cristo que virão solicitá-la a nós. Numa segunda etapa de reflexão, vamos voltar a nossa atenção para algumas das consequências práticas de nossa vocação: oferecer a hospitalidade a todos aqueles que no-la pedirem. Deixem-me concluir com uma oração de Santa Luísa, tão atenta à ação do Espírito de Deus em sua alma :

*“Oh! Divino Espírito, operai esta maravilha nesta pessoa tão indigna pela amorosa união que desde toda a eternidade tendes com o Pai e o Filho... Oh! Espírito Santo, só vós podeis fazer compreender a grandeza desse Mistério que, se assim se pode dizer, parece manifestar a impaciência de Deus... Oh! homens cegos por ninharias, e eu mais que ninguém! Elevemos nosso espírito não acima do que somos nos desígnios de Deus, porque isso é impossível, mas, acima de nossa inclinação natural procedente da corrupção do pecado, para que, em todas as nossas ações, possamos honrar Nosso Senhor pelo testemunho que Ele quer que demos d’Ele..., querendo por este meio que todos os cristãos tenham, já nesta vida, a união com Deus que Ele nos mereceu”.* (Escritos pág. 939-941).

## II. ACOLHIMENTO DOS PEREGRINOS

No meio rural de meu país existe um costume muito antigo: na véspera de Natal, ao entardecer, coloca-se uma vela acesa numa das janelas da casa. É uma maneira de desejar boas vindas à Santa Família, caso ela procure um abrigo. Com efeito, no momento da primeira noite de Natal, Maria e José tiveram que fazer isto e nada encontraram. Este costume de colocar uma



vela acesa numa janela, agora espalhou-se pelos municípios e cidades de nosso país. Isto foi adotado em outros países. Em alguns lugares, é simplesmente visto como fazendo parte das decorações de Natal: tornou-se uma moda a seguir.

No tempo de Natal, passando nas ruas de Dublin, à vista das velas em tantas janelas, aconteceu-me de me perguntar: o que aconteceria se eu batesse numa porta e pedisse um quarto para passar a noite? Poderiam me responder: “Oh! lamentamos, Padre! Não sabíamos que iria vir aqui. Por isso, não temos quarto preparado. Você poderá facilmente encontrar um, numa destas casas que propõem “Leito e café da manhã” (Na Irlanda, com um anúncio assim, a preço modesto, alguns particulares oferecem aos viajantes e aos turistas, um alojamento durante a noite).

Eu posso ainda me perguntar: qual seria a reação se, com este pedido de hospedagem, eu me apresentasse vestido bem pobremente. A resposta poderia ser então mais brusca e impaciente: “Todos os nossos pesares! Vá a uma destas hospedarias previstas expressamente para passar a noite sem ter que pagar. Boa noite!... Feliz Natal!” Depois a porta poderia fechar seca e forte, a vela continuar queimando, como sinal de acolhimento. Eu, ao invés de beneficiar de um acolhimento luminoso e caloroso, eu teria sido acolhido por uma fria escuridão.

Nosso Senhor ama as palavras “Bem-vinda” e “Bem-vindo!” Ele gosta de fazer com que as pessoas sintam – e isto realmente para todos, não somente aos profetas e às pessoas valentes –, que são acolhidas por Ele, todos, sem exceção. São Lucas bem notou: “*Os fariseus e os escribas murmuravam: Este homem acolhe os pecadores e come com eles!*” (Lc 15, 2). Tal é o acolhimento para os adultos. Vejam o que é reservado às crianças: “*E tomando um menino, colocou-o no meio deles; abraçou-o e disse-lhes: Todo o que recebe um destes meninos em meu nome, a mim é que recebe; e todo o que recebe a mim, não me recebe, mas aquele que me enviou*” (Mc 9, 36-37). E poderíamos nos permitir de nunca esquecer tudo o que Nosso Senhor prediz, para o Último Julgamento, no capítulo 25 do Evangelho de São Mateus: “*Eu era estrangeiro e vós me acolhestes?*”

Os dois grandes mandamentos da Lei, não são um programa para o acolhimento de boas-vindas? Acolher alguém como bem-vindo, é dar a esta pessoa um lugar em nosso coração. Simão, o fariseu convida Nosso Senhor à sua casa, oferece-lhe uma refeição, mas em seu coração não O vê como bem-vindo. Seu acolhimento não é completo e generoso. E Nosso Senhor e Simão o sentem bem. Nós também, podemos dizer muitas palavras agradáveis às pessoas, mas se não lhes dermos um lugar em nosso coração, nossas palavras soam vazias: por detrás da luz de nossa vela, escondem-se então, frieza e dureza. Por outro lado, quando perdoamos as injúrias e tiramos de nosso coração todo ressentimento, então, readmitimos as pessoas realmente em nosso coração. Logo, fica bem claro que o novo mandamento da caridade dado por Nosso Senhor, depende grandemente de nosso coração, do modo como o nosso coração deseja as boas-vindas às pessoas.

São Vicente e Santa Luísa adquiriram no decorrer dos anos, uma capacidade maravilhosa para acolher as pessoas, especialmente as menos atraentes: os pobres, os marginalizados, os doentes, os deficientes mentais. Em seu coração, o espaço não parava de aumentar, de forma que havia nele lugar não somente para os pobres, mas também para todas as pessoas que se dedicavam em melhorar a condição dos pobres. Os dois santos não cessaram de encorajar continuamente outros cristãos e cristãs a se unirem a eles para cuidar de quem estava precisando, mesmo que fosse um copo de água, quando não estivesse lá alguém para lhes dar. “*Devemos ajudar-nos, escrevia São Vicente, apoiar-nos reciprocamente e empenhar-nos pela paz e a união, pois, é o vinho que alegra e fortalece os viajantes no estreito caminho de Jesus Cristo. É o que vos recomendo com toda a ternura do meu coração*” (SV IV, 262).

Convidar alguém e acolhê-lo em nosso coração é praticar a hospitalidade. Quando nos mostramos hospitaleiros, irradiamos o amor de Deus recebido em nosso batismo. Cristo ressuscitado nos chama a irradiar cada vez mais sua hospitalidade em cada um de nossos encontros.

O ministério de vocês, aqui, neste centro de devoção à Virgem Maria e a seu Filho, pode ser comparado à atmosfera que envolve o globo terrestre. Sabemos que é a atmosfera que separa a brilhante luz branca do sol e assim obtém para nós, a variedade das cores que alegam nossos olhos. Os carismas e os ministérios na Igreja são como a paleta das cores que vemos com nossos olhos. Muitas vezes, durante minhas visitas na Capela da rua do Bac, eu subi à tribuna para olhar embaixo, o fluxo que move os peregrinos. Entre eles, existe sempre jovens e pessoas de idade mais avançada, ricos e pobres, pessoas de pele branca e outras de côr. Haverá rostos serenos e outros marcados pela angústia.

Os peregrinos vão e vêm, mas vocês, membros da equipe de animação, permanecem aqui, para irradiar o amor de Cristo que acolhe a todos como bem-vindos. As questões feitas pelos peregrinos são numerosas como os grãos de areia à beira do mar. Suas necessidades são inúmeras. Algumas pessoas são muito educadas, outras são mal-educadas. Com todo este mundo e seus problemas, diariamente, vocês são chamados a serem pacientes e amáveis, simpáticos e úteis. Durante o dia, vocês devem responder cem vezes as mesmas perguntas feitas por muitos peregrinos diferentes. Vocês são desafiados a dominar seu humor variável para ser, em todo o tempo, o que São Paulo chama “o bom odor de Cristo” (2 Cor 2, 15). Consciente das dificuldades para alcançar este ideal, São Paulo pergunta imediatamente: *“E quem está apto a uma tal missão?”* E logo ele responde: *“Mas é na sua integridade, tal como procede de Deus, que nós a pregamos em Cristo, sob os olhares de Deus”* (2 Cor 2, 16-17).

Sim, vocês foram enviados por Cristo porque receberam a missão da Comunidade, da Igreja para serem **os sacramentos da hospitalidade de Deus**. Vocês representam o Cristo, em toda sua bondade. Vocês desejam as boas-vindas que sua Mãe desejaria a quem chegasse em sua casa, em Nazaré.

Tentem sempre olhar esta Capela como um lugar onde, freqüentemente, as pessoas entram na ala central com um pedido ainda não formulado em seus lábios. Como os peregrinos gregos que se aproximam do Apóstolo Filipe, no Evangelho de Domingo de Ramos, e pedem: *“Senhor, nós queremos ver Jesus”* (Jo 12, 21).

Esta Capela das Aparições e seus **arredores são uma nova Nazaré, tornada sagrada pela presença de Jesus e de sua Mãe e vocês**, vocês estão à porta para acolher como bem-vindos todos aqueles que se apresentam e fazer de forma que eles se sintam à vontade na casa de sua Mãe, casa partilhada com seu Divino Filho Jesus.

*“Não vos esqueçais da hospitalidade”* escreve o autor da Carta aos Hebreus (Hb 13, 2), enquanto que São Pedro, por sua vez, propõe um ideal muito alto escrevendo: *“Exercei a hospitalidade uns para com os outros, sem murmuração”* (1 Pd 4, 9). Numa das recentes traduções inglesas, a murmuração é parafraseada como segue: *“Sejam hospitaleiros uns para com os outros, mas sem desejar secretamente que seria preferível não ter que ser hospitaleiro!”*

Eis certamente, um ideal muito exigente, sobretudo, quando são chamados a escutar uma longa história da boca de alguém que parece desagradável. Neste momento, São Paulo nos lembra: *“Mas é na sua integridade, tal como procede de Deus, que nós a pregamos em Cristo, sob os olhares de Deus”* (2 Cor 2, 16-17).

*“Jesus Cristo, sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E, sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz” (Fil. 2,6-8).* À imitação de Nosso Senhor, temos que nos despojar, conquistar alguma liberdade oposta ao nosso modo habitual de pensar, de sentir e de agir. Assim, não faz muitos anos, nós aceitamos o desafio de inculturar o carisma de nossos Fundadores nos países e lugares onde o Espírito de Deus não havia sido implantado desde as nossas origens. Começamos a dar mais atenção aos povos em via de desenvolvimento. Vimos os missionários se tornarem mais sensíveis, cada vez mais respeitosos das culturas indígenas dos países onde iam proclamar a Boa Nova de Cristo. Assim pudemos tomar consciência da profunda “kenosis” que, às vezes, uma tal sensibilidade pode exigir.

Era ontem! Depois de apenas alguns anos a mais, uma nova kenosis é esperada de nós, de todos aqueles que, sem deixar seus países de origem, desejam servir os pobres de hoje. Eu penso particularmente no grande número de imigrantes que, num espaço de poucos anos, como um grande fluxo, fluíram para os países da Europa ocidental.

Tomo como exemplo o meu país. Após a admissão de 10 países da Europa oriental, pelo menos 100.000 imigrantes chegaram nas praias do meu país cuja população é de 3 milhões de habitantes. Estes imigrantes vieram em busca de uma vida melhor. Alguns são altamente qualificados e encontram trabalho. Mas, freqüentemente, eles são obrigados a aceitarem os trabalhos de servos, para conseguir viver. Quase sempre, alguns se deixam explorar. Se uma vasta imigração é uma experiência nova para o nosso povo, não é o mesmo para vocês, aqui na França: vocês tiveram de enfrentar este desafio depois de muitos anos.

A nós todos que tentamos viver o ideal cristão da hospitalidade, um novo apelo é dirigido. Ele nos lança o desafio de inculturar o carisma vicentino nas novas circunstâncias das quais muitas são difíceis. Não esqueçam da hospitalidade! Este apelo tem uma nova urgência para todos nós, nos países da Europa ocidental.

A vela na janela, à véspera de Natal, só é acesa depois do entardecer. É uma chama muito pequena. Ela é pequena para dissipar a obscuridade da noite, mas ela é pura luz. Não tem sombra. Possam nossos pequenos gestos de boas-vindas e de acolhimento terem senão “Deus em vista”, de acordo com a expressão de São Vicente! Numa palavra, possam nossos gestos de hospitalidade refletir a autêntica luz de Cristo para iluminar o mundo!

(continua a seguir)

Padre Richard Mc CULLEN, cm

### **ATUALIDADE DAS PROVÍNCIAS**

#### Nomeações Das Visitadoras e Diretores provinciais

PROVÍNCIA DA ÁFRICA DO NORTE: Irmã Josefina REMIREZ foi novamente designada Visitadora por mais três anos, no dia 13 de setembro de 2006.

PROVÍNCIA DO HAITI: Irmã Maria Teresa TAPIA foi designada Visitadora em substituição de Irmã Natalia MARTINEZ, no dia 11 de outubro de 2006.

PROVÍNCIA DO PERU: Irmã Marina MELENDEZ MELENDEZ foi novamente designada Visitadora por mais três anos, no dia 21 de novembro de 2003.

PROVÍNCIA DE SÃO LOUIS: Irmã Mary WALTZ foi designada Visitadora em substituição de Irmã Marie-Theresa SEDGWICK, no dia 7 de fevereiro de 2007.

PROVÍNCIA DE BARCELONA: Irmã Maria Cruz ARBELO HUARTE foi novamente designada Visitadora por mais três anos, no dia 7 de fevereiro de 2007.

\* \* \* \* \*

PROVÍNCIA DA BOLÍVIA: o Padre David PANIAGUA NOVA foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por mais três anos, no dia 30 de novembro de 2006.

PROVÍNCIA DA ALEMANHA: o Padre Georg WITZEL foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por mais três anos, no dia 12 de dezembro de 2006.

PROVÍNCIA DA AUSTRÁLIA: o Padre Kevin CANTY foi renomeado Diretor das Filhas da Caridade por mais três anos, no dia 18 de dezembro de 2006.

PROVÍNCIA DE CAMARÕES: o Padre Emmanuel TYPAMM foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, no dia 8 de janeiro de 2007.

PROVÍNCIA DA ARGENTINA E DO PARAGUAI: o Padre Pedro DUARTE ALONSO foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, no dia 24 de janeiro de 2007.

REGIÃO DA ALBANIA-KOSOVO: o Padre Vittorio PACITTI foi nomeado Sub-Diretor das Filhas da Caridade, no dia 5 de fevereiro de 2007.

PROVÍNCIA DO PERU: o Padre Javier GAMERO TORRES foi nomeado Diretor das Filhas da Caridade, no dia 30 de novembro de 2006.

### VISITA DOS SUPERIORES

Mère Evelyne Franc  
e Irmã Blanca Libia Tamayo, Conselheira geral

Visita da Província da Venezuela  
15 - 20 de janeiro de 2007

#### **Um pouco de história**

**Em 1950**, quatro Irmãs colombianas chegam na Venezuela ao pedido do Arcebispo de Caracas para dirigir a Obra Social de mãe e filho. No princípio, Vice-Província da Província de Gijon em 1967, torna-se Província em 1972. Foi aberto um Seminário em 1980. Hoje, a Província conta com 65 Irmãs das quais 29 venezuelanas.

#### **Visita de Mère Evelyne Franc**

**No dia 15 de janeiro de 2007**, Notre Mère e Irmã Blanca Libia Tamayo pousam em terra venezuelana, a “terra da Graça”, como os Conquistadores a chamaram. No aeroporto, a Visitadora e os membros do Conselho Provincial, a Comunidade do Seminário e várias Irmãs das casas de Caracas esperavam por elas.

Na Casa provincial, depois dos votos de boas-vindas e de um tempo de ação de graças na Capela, Irmã Yolanda Zambrano, Visitadora, expressa sua gratidão por esta visita neste momento de incerteza, de medo por tudo o que lhes é anunciado: sentem ao mesmo tempo confiança e medo, esperança e dúvida no início de um processo de socialismo de castro-revolucionário ou socialismo do século XXI como diz o Presidente Hugo Chavez. Mas, escutam também a voz: “Não temam”, “o Espírito se encarregará de falar por vocês”.

No dia seguinte, a visita começa com a Eucaristia e o Encontro com os membros do Conselho, num diálogo sincero, construtivo e encorajador sobre a situação do país.

No dia 17 de janeiro, a Província celebra na ação de graças os 50 anos de vocação de Irmã Amélia Lopez, missionária originária da Província de Madrid. Em seguida, Notre Mère foi acolhida cordialmente pela comunidade educativa do Colégio Santa Luísa: corpo docente, administradores e funcionários. Em seguida, Irmã Evelyne fala, com simplicidade e bondade, para as crianças do Colégio.

Na sala de conferência, ela encontra-se com um primeiro grupo de Irmãs da Província. Convida as Irmãs a assumirem os desafios e os riscos de hoje, a doarem-se inteiramente a Deus pelo serviço dos pobres de acordo com o espírito da Companhia. Em seguida, num diálogo sincero, ela escuta as perguntas e as responde encorajando, comunicando muita esperança, preparando as Irmãs para viver na serenidade e na fé os acontecimentos que vão se apresentar com a prática do Socialismo Revolucionário. A Eucaristia, em seguida, reúne todas as Irmãs e depois, um almoço de festa em honra da Irmã jubilar e uma recreação bem animada pelas Irmãs do Seminário.

Com as Irmãs Serventes, Notre Mère insiste sobre sua missão de animação espiritual das Irmãs, esforçando-se de criar na comunidade um clima favorável para viver em união com Deus; ela também sublinha, entre outros, a necessidade do Conselho doméstico e da subsidiaridade e agradece cada uma pelo serviço realizado com generosidade.

No dia seguinte, Notre Mère encontra-se com as Irmãs do Seminário que partilham sua experiência de vida e o equilíbrio a manter entre a formação intercongregacional e as instruções especificamente vicentinas. Irmã Evelyne insiste na importância de meditar a Palavra e viver o anonimato. Em seguida, Notre Mère visita as Comunidades Maria Antônia Bolívar e Coromoto. A primeira é uma Escola, uma das primeiras fundações da Província. A segunda é a casa onde vivem cinco Irmãs Idosas entre as quais se encontra Irmã M. Vasquez, fundadora da Província da Venezuela que relata à Irmã Evelyne as origens de sua história. Notre Mère e Irmã Blanca Libia escutaram com atenção as origens da Província.

No Albergue do Peregrino onde são acolhidos mais de 40 pensionistas, antigos SDF salvos da rua e de seus perigos, da solidão e da fome, Notre Mère encontra-se com os residentes que lhe oferecem cantos, poesias e flores em sinal de gratidão às Irmãs que os ajudam a se reinserirem na sociedade. Alguns tomaram a palavra para retratar não somente o caminho de seus “fracassos”, mas também suas dificuldades para levantarem-se e reabilitarem-se, exigindo muita coragem e perseverança.

No dia 19 de janeiro, depois de ter recebido algumas Irmãs individualmente, Notre Mère encontra-se com os Padres Lazaristas que a acolhem com muita cordialidade fraterna. Em seguida, ela visita a Obra Social da mãe e filho. As Irmãs desta Comunidade falam-lhe da real

pobreza da sociedade venezuelana, das moças, ainda adolescentes que se tornam mães, do trabalho que elas realizam com elas para sua educação integral bem como para formá-las em sua missão de mãe. É uma obra para a qual as Irmãs devem ser bem equilibradas, prontas a dar muito amor e compreensão devido a situação destas jovens. Notre Mère dirige-lhes uma mensagem de fé e esperança.

De retorno à Casa Provincial, a Eucaristia reúne as Irmãs e os membros da família vicentina representando os sete ramos presentes na Venezuela.

No dia 20 de janeiro, último dia da visita, Notre Mère encontrou-se com o segundo grupo de Irmãs da Província. Ela ajudou-as a aprofundar algumas páginas dos Escritos dos Fundadores e das Constituições, deixando-as a tarefa da fidelidade, do esforço para progredir juntas na vocação. Durante a Eucaristia, todas deram graças ao Senhor por todo bem recebido de Irmã Evelyne e Irmã Blanca Libia.

À tarde, última reunião com os membros do Conselho para ratificar alguns pontos fortes, e a palavras de despedida e gratidão de Irmã Yolanda: *“Irmã Evelyne, não temos nem ouro nem prata, oferecemos-lhe uma constante oração junto do Senhor, para depositar em seu coração suas intenções, as da Companhia, suas próximas Visitas a outras Províncias... Visto que seu retorno à Casa-Mãe está próximo, nós lhe dizemos como São Vicente a Santa Luísa, você que a representa neste momento na Companhia: “Rogo à sua divina bondade que vos acompanhe, seja vossa consolação no caminho, proteção contra o sol e o calor, a chuva e o frio; leito macio na fadiga e força no trabalho e que, vos traga com saúde e carregada de boas obras”.*

Irmã Berenice JIMÉNEZ  
Correspondente dos Ecos

## **TESTEMUNHO DAS IRMÃS**

Província de Siena

### **150 Anos de história das Filhas da Caridade**

*“Nas raízes, um futuro de caridade”*

2006: um ano de graça que serviu para tornar conhecido e amado São Vicente, seu carisma, suas obras. Em Siena, 16 e 17 de setembro de 2006, as celebrações de encerramento reuniram mais de mil pessoas dentre as quais Notre Mère, Irmã Mariarosa, Conselheira geral, as Irmãs da Província de Siena, as de outras Províncias da Itália, os Padres da Missão, muitos leigos dentre os quais muitos jovens. A qualidade do acolhimento assegurado por um grupo de Irmãs e de jovens permitiu a cada um de sentir-se membro da grande família. Por sua presença simples e discreta, suas exortações claras e diretas, Irmã Evelyne nos motivou em nossa vocação.

Depois de uma visita à enfermaria e à Comunidade da Casa Provincial, Notre Mère participou com todos os convidados de uma primeira representação: “Luísa de Marillac, a vocação de um nobre coração”, seguida de uma noite musical organizada pelos J.M. Finalmente, uma vigília de oração na maravilhosa “Basílica dei Servi di Maria” reuniu muitos participantes. Monsenhor Italo Castellani, Bispo de Lucca interveio em várias ocasiões.

No dia seguinte, depois da oração das Laudes, o Padre Vernaschi, cm, Diretor provincial apresentou o livro *“Nas raízes, um futuro de caridade”* escrito por vários autores, por ocasião do 150º aniversário da Província.

Então, Irmã Luísa Farri, Visitadora apresentou a Província com a ajuda de um power-point. Ela enumerou os serviços confiados às Irmãs desde o início que deram forma à Província e relatou os momentos mais significativos destes 150 anos de dedicação: *“Realmente, pode-se contar uma grande história de amor, uma bela história, mesmo que não tenham faltado os anos difíceis, sobretudo, durante o período das duas grandes guerras. As Filhas da Caridade nunca desanimaram; elas aprenderam de São Vicente que: “as coisas de Deus se fazem por elas mesmas”. Hoje a Província, apesar do número reduzido de Irmãs, conserva sua alegria de pertencer ao Senhor e seu desejo de viver em plenitude e fidelidade sua vocação. A sociedade muda, e com ela muda o rosto dos pobres, mas o que Jesus disse permanece sempre verdadeiro: “Os pobres vós sempre o tereis...”. “As novas pobreza nos desafiam, freqüentemente elas nos atormentam...”*”.

Em seguida, Irmã Luísa apresentou os serviços realizados hoje: acolhimento dos prisioneiros em Campomorone, cuidado dos doentes em fase terminal em Quercianella, novo Centro de Caritas de Scandicci em Florença, Creche para as crianças em Siena, e comentou a caminhada da revisão das obras a fim de estarem sempre mais próximas dos pobres: *“Transformar os serviços, fechar e abrir casas, passar a outros a administração de estabelecimentos, não são escolhas fáceis, mas as novas necessidades exigem respostas novas”*. Enfim, ela concluiu: *“Coloquemos nas mãos de Deus o futuro de nossa Província, para uma contínua criação.... Convido as Irmãs a olharem para o futuro e a programarem nossa presença na Igreja, bem conscientes de serem as servas e os instrumentos de um Projeto que só pertence a Deus, para o bem dos Pobres”*. Enfim, ela confiou às Irmãs e aos jovens o desafio de partilhar o carisma: *“O engajamento pela caridade é uma escola de vida para os jovens”*.

Ela terminou dizendo: *“Quero com vocês agradecer ao Senhor por nos ter tornado participantes de sua Criação junto aos pobres, por ter inventado esta longa história da caridade, por nos ter projetado num futuro de caridade tendo raízes profundas”*.

Às 11h30, a Eucaristia foi presidida por Monsenhor Antônio Buoncristiani, Arcebispo de Siena, da qual participou o Padre Gregory Gay, Superior geral, entre suas duas viagens (Etiópia e Tanzânia). Em sua homilia, o Arcebispo de Siena, citando várias vezes São Vicente, recordou os pontos fortes de nossa vocação. Ele também expressou sua gratidão por estes 150 anos de testemunho da caridade. E concluiu pedindo para as Irmãs os dons da confiança e da esperança enraizados em Cristo que conduz a história humana, apesar de nossas fragilidades.

À tarde, Notre Mère falou sobre a grandeza e a atualidade de nosso carisma a ser encarnado e transmitido hoje aos leigos com quem colaboramos. Insistiu particularmente na fidelidade às origens, na colaboração com a família vicentina, na atenção aos pobres desprovidos de tudo e, de uma maneira especial, aos migrantes e aos jovens.

Na basílica cheia de gente, num clima de escuta atenta, ela recordou as palavras do Padre Slattery, antigo Superior geral, dirigidas às Irmãs da Província de Siena por ocasião do centenário da Província: *“Vossa Província não perdeu nada do espírito das origens de São Vicente e de Santa Luísa. Vosso maior mérito é o de ter sabido unir durante um século, as tradições de vossa Companhia com os progressos modernos no que eles têm de melhor: conservação e renovação na obediência, tais foram e serão as garantias de perpetuidade de vossa Província”*. Ela continuou: *“Obrigada por vossa fidelidade dinâmica... antes de tudo, vossa fidelidade às origens como família vicentina, como o estatuto 9c o sublinha. Hoje, o serviço de evangelização e de caridade continua graças à presença e à colaboração fraterna dos leigos, expressão de comunhão eclesial. A colaboração e a partilha do carisma são um sinal dos tempos que têm uma profunda significação teológica. O centro do carisma vicentino consiste no serviço de Cristo aos pobres feito juntos. Sabemos que quando falamos de partilha, não se trata de suprir o número reduzido de Filhas da Caridade: os leigos partilham conosco – e nós com*

*eles – a mesma responsabilidade nas obras de caridade e de justiça dentro da comunidade humana e cristã”.*

Irmã Evelyne nos convidou à partilha: “Todas nós podemos oferecer a riqueza de nossa experiência e podemos também aprender muito de um diálogo orientado numa perspectiva de serviço, respondendo sempre mais às novas pobreza”. Falando das novas pobreza, Irmã Evelyne destacou que *“as Províncias italianas já realizaram verdadeiros projetos pela defesa dos direitos humanos, mas nossos irmãos e irmãs desprovidos de tudo têm necessidade que tais iniciativas se multipliquem. Eles têm sede de serem tratados de uma maneira cordial e personalizada. Penso em particular nos migrantes sempre mais numerosos em vosso país”.*

Em seguida, ela abordou o tema dos jovens: “Há ainda muito a inventar... Pelo seu frescor e seu entusiasmo, os jovens, de uma maneira específica são o nosso grande recurso. São eles que freqüentemente impulsionam as Irmãs a serem não apenas mulheres para os outros, mas com os outros. Este estar com o mundo é um aspecto central de nosso carisma e fortalece nossa identidade por um serviço comum; aprendemos mutuamente a responder às preocupações e às iniciativas de cada um, dialogando a partir de objetivos apostólicos comuns. Possamos nós dizer juntos: os jovens são o futuro da Companhia e da família vicentina. Na Companhia, as vocações são numerosas, porém, não estão bem distribuídas em todas as Províncias. A colaboração com a família vicentina pode contribuir para apresentar nossa vocação de servas dos pobres. Conhecer as Irmãs e constatar sua alegria pode contribuir para suscitar novas vocações”.

Em seguida, Mãe Evelyne dirigiu-se a toda a família vicentina, desejando a todos progredirem juntos no caminho do serviço de Cristo nos pobres.

Irmã Luísa Farri terminou dizendo: *“Confiemos à Santíssima Virgem este caminho para que ela nos guie rumo a um novo futuro de Caridade – e com este compromisso comum com a família vicentina, – continuemos vivendo com entusiasmo e coragem esta história de amor, este caminho de santidade que muitos já percorreram a fim de irmos além dos objetivos já alcançados, e sermos portadores de esperança, amor, alegria e ternura para continuar e renovar a história da salvação”.*

Irmã Patrícia BIN  
Filha da Caridade

## **TESTEMUNHO DAS IRMÃS**

Província da África Central

Visita de Irmã Juana Elizondo,  
2-19 de setembro de 2006

A Província da África Central (Ruanda-Burundi) tem 5 anos de existência, mas as Filhas da Caridade estão lá a serviço dos pobres desde 1971, estes dois países formam uma Região. Neste tempo, ela conheceu grandes dificuldades, mas a Divina Providência nunca deixou de animar as Irmãs em sua missão, particularmente por intermediário de Irmã Elizondo. Ela veio nos visitar várias vezes, até mesmo arriscando sua vida, sempre acompanhada por Irmã Marie-Anne Latscha da qual nós guardamos também uma boa lembrança. Em 2002, ela voltou com Irmã Wivine Kisu para inaugurar nossa Casa provincial.



E eis que depois de seu generalato, ela ainda nos carrega em seu coração, guardando a preocupação desta Província que ela viu nascer em meio a grandes dificuldades. Recentemente, a pedido de nossa Visitadora, Irmã Sabina Iragui, Irmã Elizondo passou duas semanas conosco para nos ajudar a aprofundar as Constituições renovadas. Com paciência, ela tomou o tempo necessário para nos explicá-las. Ela as transmitiu como aquela que, não somente as lê e medita, mas também como aquela que as vive.

Irmã Juana, Filha da Caridade cheia de experiência, nos motivou a meditar bem as Constituições como um resumo do Evangelho. Ela insistiu sobre o amor à Companhia e a importância de participar ativamente em seu governo, cada uma de acordo com suas responsabilidades. Destacou a necessidade de organizar bem a nossa vida de serviço e de administrar os bens confiados com muito rigor. *“Façamos tudo, nos disse ela, para que Jesus seja conhecido, amado e servido, sobretudo, por e nos pobres. É esta a nossa missão. Vivamo-la fielmente na verdade”*.

Quase todas participaram de uma ou outra destas duas sessões de cinco dias: tempo de reflexão pessoal e partilhas em grupo para fazer nossas perguntas. *“O que fizemos foi apenas o aperitivo, nós vamos continuar meditando as Constituições e assimilá-las fazendo-as nossas, porque elas são nosso caminho de santidade”*. Obrigada Irmã Juana, você permanece sempre presente em nossa Província.

Irmãs Christine NDAYISENGA e Scholastique MUJAWAMARIYA  
*Filhas da caridade*

### **TESTEMUNHO DAS IRMÃS**

Província de Chelmno

Irmã Bárbara Samulowska  
(Irmã Stanislawa em comunidade)

Falecida no hospital de Guatemala, no dia 6 de dezembro de 1950,  
85 anos de idade, 66 de vocação.

Nascida no dia 21 de janeiro de 1865 na Polônia em Woryty, Bárbara teve a graça de encontrar a Santíssima Virgem durante as aparições de Gietrzwald. Isto aconteceu do dia 28 de junho a 16 de setembro de 1877, nesta época ela estava com 12 anos. Aos 19 anos, ela entrou na Comunidade das Filhas da Caridade e fez seu Postulado na Casa Provincial de Chelmno. Em seguida, ela foi para a Casa-Mãe em Paris para fazer seu Seminário. Dali em diante, ela passou a ser chamada Irmã Stanislawa. Filha da Caridade durante 66 anos, primeiro ela serve Cristo nos pobres em Paris, depois em Guatemala durante 54 anos. Em 6 de dezembro de 1950, morreu em Guatemala em odor de santidade.

Durante a celebração do centenário das aparições da Santíssima Virgem em Gietrzwald, a Igreja proclamou solenemente sua autenticidade. Depois de ter recebido, em janeiro de 2001, a aprovação de Mãe Juana Elizondo, Superiora geral, os Padres Cânones Regulares do Latran, guardas do Santuário de Gietrzwald, persuadidos da santidade de Bárbara Samulowska, dirigiram-se ao Arcebispo Metropolitano de Warmia Edmund Piszcz, para abrir o processo de beatificação da vidente de Gietrzwald. Porém, conforme a lei eclesiástica, compete à diocese do território na qual a pessoa em questão morreu encaminhar o processo de beatificação. Foi necessário então, obter a aprovação do Arcebispo de Guatemala, o Cardeal Rodolfo Quezada Toruño para transferir o processo para a Polônia. Ele o concedeu no dia 8 de dezembro de 2003.

Depois de ter obtido o parecer favorável da Conferência do Episcopado da Polônia e a permissão da Congregação dos Santos no dia 23 de setembro de 2004 em Roma, o processo de beatificação a nível diocesano foi aberto, em 2 de fevereiro de 2005, em Gietrzwałd. O Padre Kazimierz Brzozowski, guarda do santuário marial em Gietrzwałd, foi nomeado Postulador do processo. Três Filhas da Caridade da Província de Chelmo-Poznan fazem parte das Comissões do Tribunal: Irmã Hanna Cybula, Visitadora, na Comissão Teológica e Histórica, Irmã Anna Mamona na Comissão Notarial, Irmã Krystyna Rynarzewska na Comissão Histórica. Durante o interrogatório das testemunhas em Guatemala, Irmã Gertruda Bukowska, missionária polonesa na República Dominicana, ajudou na tradução.

O Tribunal interrogou várias dezenas de testemunhas na Polônia, na Alemanha e na Guatemala. As Comissões estudaram a documentação reunida referente à Serva de Deus e deram o seu parecer. O Tribunal Eclesiástico da Guatemala conforme o consentimento do Arcebispo do lugar, ajudou a reunir os documentos necessários falando do heroísmo das virtudes de Bárbara Samulowska. Toda a documentação do processo a nível diocesano corresponde a aproximadamente 1.500 páginas. No dia 8 de setembro de 2006, na festa da Natividade da Santíssima Virgem, aconteceu a última sessão diocesana do Tribunal de Beatificação. O encerramento foi feito pelo novo Pastor da Arquidiocese, Dom Wojciech Ziemia.

A designação do Postulador em Roma será a fase seguinte do andamento do processo. Os Cardeais e outras pessoas da Congregação começarão a estudar e verificar os documentos reunidos e transmitidos à Roma pelo Postulador da Polônia. A decisão de proclamar a Serva de Deus Bem-aventurada será tomada pelo Santo Padre.

Em sua homilia de 8 de setembro de 2006, o Arcebispo Dom Wojciech Ziemia dizia: *“Agradecemos hoje a Serva de Deus Irmã Bárbara Samulowska. Foi graças a Maria que seu coração inflamou-se do amor por Deus dando um belo testemunho de vida”*.

Irmã Hanna CYBULA  
Visitadora de Chelmo

### **N.B**

Embora Bárbara tenha sido chamada Irmã Stanisława em Comunidade, seu nome de batismo é privilegiado, eis porque é chamada: Irmã Bárbara Samulowska.

## **OBSERVAÇÕES SOBRE IRMÃ BARBARA SAMULOWSKA**

*“A Imaculada Conceição é mais bela ainda!...”*

Eis aqui em que circunstância esta afirmação brotou dos lábios silenciosos, para nosso contentamento, de Irmã Barbara Samulowska:

“Eu acabava de chegar ao Postulado, conta uma Filha da Caridade, e sofria vivamente por ter deixado minha querida Mãe. Uma Irmã do hospital encontrando-me em lágrimas na sala de espera, disse-me para me consolar: *“Não chore, Senhorita, você vai sentir-se tão feliz em receber o boné de Postulante das mãos de nossa Respeitável Irmã Assistente, que é uma santa, e que teve o privilégio de ver a Santíssima Virgem, na Polônia, quando ela era criança”*. A surpresa parou minhas lágrimas. Pouco tempo depois, a Irmã de Ofício me introduziu no gabinete da Irmã Assistente. Ajoelhada perto dela, eu a ouvi falar da beleza de nossa vocação, com palavras que caíram como um orvalho em meu coração dolorido. Independente de minha vontade eu observei e notei nela algo que não era humano. Cheia do espírito do mundo, não compreendendo nada da vida sobrenatural, minha curiosidade foi mais forte. Indiscreta e precipitada, questioneei subitamente, mostrando uma estatueta colocada em seu gabinete: *“Minha Irmã, é verdade que a*

*Santíssima Virgem apareceu-lhe quando você era pequena, com características semelhantes a estas?”*

Sua surpresa não negou o fato: *“Quem disse isto tão depressa a você? Você acaba apenas de chegar!... Isto não se pergunta”*.

Parecia-me que seu sorriso a traía; inocentemente eu insisti: *“Minha Irmã, por favor, diga-me! Ela era bonita como esta Virgem da Medalha Milagrosa?”*

Sacudindo a cabeça em sinal de negação e mantendo seu sorriso, respondeu-me: *“Como você é viva! Prepare-se para fazer bem seu Postulado, se quer merecer a graça de vê-la também um dia!”*. Depois, olhando a bonita estatueta, acrescentou: *“A Imaculada Conceição é mais bela ainda!”*

Mas, como as notícias do favor materno feito pela Rainha do Céu à uma humilde polonesa chegou até Guatemala, quando o fato precedente é o único que pôde traí-la? Nossa querida Irmã Lannes, no momento, Diretora do Seminário da Província, explica-nos: *“Desde a sua chegada, em Setembro de 1895, Irmã Bárbara Samulowska me foi confiada pela Irmã Visitadora, afim de ser iniciada na língua espanhola e habituada ao trabalho do Seminário. Tendo observado-a mais de perto, durante alguns dias, pensei: sente-se nesta Irmã algo extraordinário, de sobrenatural: o Divino Mestre está nela. E eis que eu li um dia, nos Anais das Filhas de Maria, o relato das Aparições da Santíssima Virgem no lugarejo de Gietrzwald, na Polônia: então, eu compreendi tudo”*.

Abramos, por nossa vez, os Anais dos anos de 1878-1879, porque eles contêm os únicos detalhes que temos sobre à infância de Irmã Bárbara e leiamos: *“Assim como em Salette e em Lourdes, a Virgem Imaculada escolheu a terra da Polônia para se manifestar à almas humildes e simples; Ela quis, ao mesmo tempo, consolar um povo infeliz e recompensar o amor particular que ele conserva pelo respeitável privilégio de sua Imaculada Conceição. Foi o lugarejo de Gietrzwald que foi testemunha das maravilhosas aparições que vamos narrar”*.

No dia 27 de junho de 1877, o venerável e piedoso Vigário do lugar tinha reunido, para o exame preparatório, as crianças que se preparavam para a Primeira Comunhão. Justine Szafrynska, de 13 anos, tendo pouca inteligência e ainda menos memória, receava muito este exame e rezava de todo seu coração à Santíssima Virgem para vir em seu socorro. Maria ouviu sua oração: para a grande surpresa do Senhor Vigário, Justine respondeu todas as perguntas com uma segurança perfeita, melhor do que as outras crianças.

Justine era uma pobre camponesa, franzina e delicada, de tamanho mediano para sua idade; vestida com um vestido escuro de tecido grosso, um lenço de lã vermelho escuro cobria sua cabeça e molda sua face pálida cujas características regulares eram impregnadas de modéstia. Seus olhos, azul límpido, permaneciam normalmente baixos, mas, neste momento, eles brilhavam de uma alegre satisfação. A alguns passos da Igreja, ela encontrou sua mãe que vinha ao seu encontro, ansiosa pelo resultado do exame.

— Eh então, minha filha, tu serás admitida à Primeira Comunhão?

— Sim, respondeu Justine, eu respondi bem tudo; a Santíssima Virgem e o Bom Jesus me escutaram.

Enquanto a mãe e a Filha caminhavam, conversando assim, o Ângelus tocou. De acordo com o costume do país, elas se ajoelharam na rua e recitaram a Saudação Angelical. De repente, Justine solta um grito de surpresa e medo: *“Olhe! Olhe! Que rápido clarão sobre esta acerácea (árvore)! Diria-se um incêndio! E que senhora bonita vestida de branco!”*

O Senhor Vigário, chegando neste momento, ouviu a criança e chamou-a para entrar no jardim do presbitério onde estava a árvore, para que ela pudesse ver melhor o clarão que a tinha tocado. Tendo se aproximado, Justine estendeu a mão direita na direção da árvore, exclamando:

*“Vejo a Santíssima Virgem sentada num trono de ouro, ornado com pérolas; Tem um vestido branco; seus cabelos loiros e luminosos caem em seus ombros”.*

O Vigário, pensando que realmente, ela poderia estar vendo a Santíssima Virgem, convidou-a a recitar a Ave-Maria; Justine obedeceu, e, apenas terminada sua oração, exclamou novamente: *“Oh! Agora, tudo ficou mais luminoso... Há uma criança pequena que desce do Céu; suas roupas são brancas com reflexos dourados e brilhantes, preso em seu peito com um grampo de ouro”.* Terminando estas palavras, Justine começou a saudar respeitosamente a Aparição, em seguida acrescentou: *“A Santíssima Virgem sobe ao Céu; a criança à sua esquerda... no alto, o céu bem claro... nenhuma nuvem... tudo desapareceu... só vejo um grande clarão... Eu não vejo mais nada”.*

A atitude extraordinária da criança, a firmeza de suas palavras, o brilho particular de seus olhos, a impressão de medo que a invadiu, impressionaram o digno pastor, e, todo emocionado, ele lhe diz: *“Não tema a nada! Mas amanhã, na mesma hora, volte aqui para rezar o Rosário”.*

No dia seguinte, 28 de junho, Justine veio junto da árvore, acompanhada de várias coleguinhas do catecismo, e, todas juntas, de joelhos, começaram a rezar o Rosário. No momento que o sino tocou o Ângelus, Justine viu como um raio em forma de roda que iluminou a árvore e a maravilhosa aparição da véspera veio novamente encantar seus olhares. A Santíssima Virgem, de uma beleza inexprimível, parecia ter 16 a 18 anos; tinha o rosto oval, as bochechas de uma cor rósea e delicada, os olhos azuis de uma doçura e um brilho surpreendentes e, de seus dedos, saíam longos raios luminosos. Dois Anjos, vestidos de branco pareciam sustentar um trono onde a Rainha do Céu sentou. Dois outros Anjos, segurando o Menino Jesus, o colocaram no colo da Santíssima Virgem e desapareceram; um novo Mensageiro celestial trouxe um glôbo que a Imaculada Maria apresentou ao divino Menino; os Anjos lhe ofereceram um cetro e colocaram uma corôa em sua cabeça e outra na de sua Mãe. Enfim, uma Cruz luminosa, desceu do Céu, permaneceu suspensa no ar sobre o grupo formado pela Santíssima Virgem e os Anjos. No fim do Rosário, este maravilhoso espetáculo terminou.

Desta vez, Justine não foi a única a contemplar a aparição; uma outra criança, Bárbara Samulowska, nossa futura Irmã, pobre menina da aldeia de Woryt situada a alguns metros de Gietrzwald, partilhou de sua felicidade. Bárbara tinha apenas 12 anos. Verdadeiro tipo de simplicidade e liberdade infantil que não conhece constrangimento, ela não caminha, só sabe correr e saltar como uma corça jovem; seus olhos são pretos e vivos, sua aparência bronzeada; tudo em seu exterior deixa adivinhar uma natureza ardente e quase selvagem que nada a comprimia.

No dia 30 de junho, na mesma hora, a Santíssima Virgem mostrou-se novamente às duas meninas e à pergunta feita por Justine: *“Quem é você, Senhora?”*

- A aparição respondeu: *“Eu sou Maria, concebida sem pecado”.*
- A menina retomou: *“Senhora, o que desejas?”*
- *“Eu quero que recitem o Rosário”.*

No dia seguinte, que foi o da Primeira Comunhão, um grande número de pessoas acompanhou suas meninas até junto da árvore para rezar o Rosário. Logo a multidão aumentou: os aldeões chegaram de todas as redondezas e as orações se fizeram com uma devoção crescente. O número de peregrinos tornou-se tão considerável, que rapidamente aumentou para 2000 e que, para manter a ordem e a piedade, foi combinado que iriam diariamente em procissão ao lugar das aparições, com a Cruz à frente e em grupos, precedidos cada um por uma bandeira. A Rainha do Céu tinha anunciado às crianças que ela apareceria até 8 de setembro; Ela tinha manifestado o desejo de que fosse construída uma Capela no lugar da aparição e que nela fosse erguida uma estátua da Imaculada Conceição.

Quase no fim de julho, as visitas da Santíssima Virgem se multiplicaram; Ela aparecia três vezes por dia na hora do Ângelus. Duas outras testemunhas partilham então dos favores que

já desfrutavam Justine e Bárbara. Uma, Catherine Wiczorek, jovem de 23 anos, embora aparentasse apenas dezoito, de altura mediana, de um exterior singularmente amável e modesto; sempre recolhida e silenciosa, embora manifestasse um ar confortável, era fácil ver que ela realizava as coisas deste mundo, mas seu coração lhe era estranho. A outra, Elisabeth Byliewska, era uma viúva pobre, completamente desprovida dos bens da terra; seu rosto pálido e magro dá a impressão de uma piedade simples e verdadeira. As duas contemplaram as maravilhosas manifestações que emocionaram durante mais de dois meses a terra da Polônia.

A Santíssima Virgem, sempre interrogada pelas 4 videntes, recomendava a oração e a confiança, e particularmente a recitação do Rosário. Diariamente, suas mãos se elevavam para abençoar a multidão que se comprimia a seus pés com uma fé ardente. No dia 8 de setembro, 50.000 pessoas, de vários Municípios, tinham acorrido à Gietrzwald. A Imaculada Maria dispôs-se, neste dia, abençoar uma fonte que, depois de três anos, tinha brotado no terreno dependente do presbitério. No dia 16 de setembro deste mesmo ano, oitava da Natividade, aconteceu a bênção da pequena Capela, elevada às pressas, para responder aos desejos da Santíssima Virgem, e a estátua da Imaculada Conceição foi colocada lá. Desta vez, Maria apareceu novamente perto da árvore, abençoando toda a assembléia e anunciou que Ela voltaria no Ano seguinte.

Estes maravilhosos acontecimentos tiveram uma relação sobrenatural com aqueles que ocorreram em diversos países, principalmente na França: em Salette e em Lourdes; eles devem nos penetrar de reconhecimento para com nossa Imaculada Mãe e nos lembrar a necessidade da oração, unida à sua mediação materna para restabelecer nos corações o reino de Jesus Cristo. O relato destas aparições nos tendo sido transmitido por pessoas dignas de toda a confiança, nós os apresentamos com o desejo de aumentar a devoção filial a Maria, mas sem qualquer garantia da Santa Igreja e sem querer antecipar o julgamento que só ela tem o direito de fazer. Tal é na íntegra o relato dos Anais.

O que foi a vida dessa menina, depois destes múltiplos encontros com a Santíssima Virgem, como teve ela a certeza do chamado divino e entrou na família de São Vicente? Só os Anjos poderiam revelar estes segredos. Depois de um fervoroso Postulado em Chelmino, ela chegou ao Seminário no dia 19 de janeiro de 1884, não tendo ainda completado 19 anos. Colocada em Paris, na rua de la Mare sob a orientação de Irmã Mauche, a jovem Irmã decidiu não pôr limite em sua generosidade no serviço do bom Deus e se ofereceu para as Missões. Dez anos mais tarde, seu pedido foi aceito: Irmã Stanislas foi designada para Guatemala. Uma de suas jovens companheiras foi Irmã Maria-Theresa Récamier que, numa carta à sua família, datada do verão de 1895, escreveu:

*“...Quanto aos pedidos espirituais, eu tenho muitos. Peço-te recomendar calorosamente a Nossa Senhora de Lourdes, nossa casa de Belleville e todos seus membros, em particular Irmã Stanislas. Vieste poucas vezes aqui para poder lembrar-te dela, no entanto, certamente te falei a seu respeito, pois eu já gostava muito dela durante meu Postulado; é uma Irmãzinha polonesa muito gentil que cuidava da creche. Pois bem! Ela nos deixa hoje à noite e embarca quinta-feira para Guatemala. Tu compreendes que seis semanas de viagem sem consolação, nem ajuda religiosa serão duras, e os começos também, em um país tão diferente do nosso. Enfim, o essencial é fazer a vontade de Deus...”*

Foi bem este o único objetivo daquela que se distanciou para sempre, da França. O relato de Irmã Lannes nos assegura que:

*“Várias vezes, durante os 7 anos que eu vivi perto dela, tentei saber de alguns detalhes sobre seu passado, mas o segredo foi bem guardado. Eu sentia que esta alma só vivia para Deus e que seu intenso amor pela Santíssima Virgem inspirava todas as suas ações. Ela também fazia um grande bem às Irmãs do Seminário e a todos aqueles que se aproximavam dela. Para recolher alguns conselhos, esforçava-me para entrar em sua intimidade. Em minhas orações, ela confiava-*

*me simplesmente, eu falo com o bom Deus sem dificuldade. No curso do dia, eu faço o Caminho da Cruz em espírito, a fim de não perder a lembrança de Sua presença e de Seus sofrimentos. A Comunhão espiritual, sempre renovada, me dá força e luz”.*

Vindo a ser Diretora do Seminário, Irmã Bárbara empregava todos os meios e todo o seu amor em infundir nos corações a devoção à Santíssima Virgem. Sua persuasão íntima dava às suas palavras uma unção que transformava as almas: todas as Irmãs queriam aproveitar de suas instruções. Quando ela falava de nossa Mãe do Céu, de sua bondade, de sua beleza, seu rosto parecia receber seus reflexos. *“Amemo-La, repetia ela, tenhamos confiança n’Ela, Ela nos protegerá durante toda nossa vida”.*

Sua saúde necessitando de uma mudança de ar, Irmã Samulowska foi encarregada, em 1907, da direção do hospital de Antígua. Chamada pelos poetas “a cidade adormecida”, por causa do silêncio que a envolvia desde sua destruição parcial. A Antígua foi religada à atual capital por uma estrada de 36 quilômetros, com horizontes de beleza incomparável refletindo a beleza d’Aquele que os fez. Frescor, ar puro, clima excepcional, riqueza da terra, aqui tudo confirma a reputação de Guatemala de oferecer uma eterna primavera. Mas, os Estados da costa do Pacífico também têm o triste privilégio de conhecer as angústias periódicas, provocadas pela violência das forças cósmicas, encarceradas debaixo da terra do Novo Mundo.

Durante o meio século que Irmã Samulowska passará em Guatemala, ela viverá o terror destes tremores de terra, que destroem em poucas horas, as maravilhas de arte acumuladas por uma civilização avançada e que obrigaram o Estado a deslocar a Capital por de três vezes.

No século XVI, o conquistador espanhol, Dom Pedro de Alvarado escolheu o vale de Almolongua para construir seu Palácio. Um vulcão extinto dominou o horizonte. Dos lados da cratera, tornada um lago profundo, a vista estendia-se pelo panorama único dos dois oceanos. Ferido num combate, Dom Pedro morreu e sua esposa, Dona Béatrix revoltada por este infortúnio pronuncia blasfêmias horríveis.

Seria necessário ver um castigo do Céu na inundação extraordinária que logo depois destruiu a Capital? História ou lenda? O certo é que do lago da cratera, tendo quebrado suas represas naturais, torrentes de água arrastaram, com uma força irresistível, árvores, rochedos e terra, em seguida, espalharam-se pela cidade: Dona Béatrix e suas Damas de honra morreram no oratório onde elas tinham se refugiado para implorar o perdão de Deus. Depois desta catástrofe, a Capital foi reconstruída no vale do Panchoy, na base dos dois vulcões “Agua” e “Fuego”, (Água e Fogo) dois gigantes que pareciam velar sobre ela. O terrível tremor de terra de 29 de julho de 1773 destruiu a Capital florescente. A Antígua mostra ainda, não sem orgulho, as ruínas deixadas pelo cataclismo: Catedral, Igrejas, Conventos, Claustros, Capelas subterrâneas testemunham, apesar dos seus danos, sua grandiosa arquitetura.

O Hospital que Irmã Samulowska recebeu a direção, não se enquadrava entre as maravilhas arqueológicas da Antígua. Era um estabelecimento antigo de uma extrema pobreza; mas esta circunstância não era para desanimar uma alma que praticava com predileção a virtude honrada pelo Filho de Deus. Às vezes ela exortava suas companheiras, por seus admiráveis exemplos, mais do que por suas palavras, a não terem: *“nada de supérfluo, nada pessoal, nada sem permissão!”* O que a fez sofrer profundamente foi não poder ajudar os Pobres como ela desejava, vendo faltarem o necessário aconteceu-lhe de implorar na Capela, chorando, o pão que ela não podia prover para eles. O Diretor do hospital não demorou a perceber que a rara prudência, a excelente educação e a total dedicação da nova Superiora, faziam desta uma preciosa colaboradora: *“Ganhamos o grande prêmio!”* exclamava alegrando-se com a ordem que reinava e o bem que se operava. *“Contanto que nos a deixe!”*

O desejo do Senhor Diretor foi realizado senão parcialmente, porque Irmã Samulowska foi chamada para o Hospital de Quezaltenango, onde Irmã Thonluc, por causa de sua idade, precisava de ajuda. Mas eis que o pessoal, os doentes, os benfeitores, temendo, injustamente, a partida desta venerável Irmã que fundou o estabelecimento e o dirigiu depois, formaram uma real coalizão contra Irmã Samulowska. Calúnias, suspeitas, mentiras, ameaças, nada lhe foi poupado. Nem sua paciência, nem sua doçura, nem sua humildade conseguiu acalmar os espíritos, mesmo que os Superiores da Província, sabendo de suas provações, decidiram o retorno dela para a Antígua. Manifestações de alegria aí a saúdam; mas seu temperamento sofreu o abalo da luta interior. Debilitada, foi atingida pela febre tifóide que colocou sua vida em perigo. Desde sua convalescença, o hospital Geral de Guatemala lhe foi confiado: foi uma nova etapa no caminho doloroso que o Divino Mestre quis vê-la percorrer, visto que ela chegou lá pouco tempo antes do terrível tremor de terra de 1017. A esta catástrofe remonta a origem de uma peregrinação à qual o nome de Irmã Samulowska ficou ligado. Vejam porquê: no necrotério do Hospital, uma pobre mãe ajoelhada perto do cadáver de seu filho, elevou os olhos para um Crucifixo milagroso, de tamanho natural, anteriormente venerado com a invocação de “Jesus das Misericórdias”, totalmente esquecido depois de muito tempo: *“Meu Deus, é possível que eu perca meus dois filhos? Implora ela. Um morreu, o outro condenado a uma longa detenção...”* Qual não foi sua felicidade, entrando em casa, encontrou o prisioneiro que, sem ter compreendido como, obteve sua liberdade!

O evento tornado conhecido, as visitas vieram tão numerosas para implorar os favores do Crucificado, cuja ereção de uma Capela, digna d’Ele, foi construída no interior do hospital. Esta “jóia” terminou em 1917, e a data de 1º de janeiro de 1918 foi escolhida para a bênção, tendo sido solicitada a autorização governamental para organizar uma procissão pela cidade, afim de que o “Jesus das Misericórdias” percorresse as ruas antes de tomar posse de sua casa. Por sectarismo, a autorização foi recusada. O povo viu o castigo divino no terrível abalo sísmico que, na noite de Natal, destruiu a metade da cidade.

*“Para imaginar o quanto foi terrível nosso despertar, escrevia uma Irmã da Província, é preciso ter vivido um momento semelhante, pois, nem a vista destas ruínas, dão uma idéia da angústia, do terror que atingiu a alma quando, por um lado, sob a força do furacão furioso caíram em nossas cabeças, tudo estremeceu, tudo rachou, tudo rangeu em torno de nós, e que por outro, nós nos sentíamos elevados pelos movimentos da terra e escutávamos um estrondo sinistro semelhante a uma torrente impetuosa que rolava debaixo de nossos pés e parecia querer nos engolir...”*

Durante esta noite de angústia, Irmã Samulowska ia e vinha preocupada em colocar ao abrigo as centenas de pacientes do Hospital: só um recusou sair e morreu sob os escombros. No dia 3 de janeiro, mais um tremor ainda mais longo acabou de lançar os edifícios que resistiram ao chão: o Hospital ficou só um montão de pedras. Às pressas, Irmã Samulowska pediu para construírem algumas barracas, pois a estação de chuvas se aproximava e um abrigo, menos precário que as barracas, se impunha. Ela não esqueceu o “Senhor das Misericórdias” e lhe fez construir uma Capela de madeira onde a Missa era celebrada diariamente. Lá, muitas graças eram obtidas, e, depois deste período de desastres, as doações afluíram de tal maneira, que o Crucifixo milagroso encontrou lugar numa nova Basílica, tornando-se um lugar de peregrinação.

Mantendo a direção do Hospital reconstruído, Irmã Samulowska foi nomeada Assistente da Província, em 1919. Neste vasto campo, sua virtude edifica, estimula, encoraja todos aqueles que têm a felicidade de se aproximar dela, mas suas queridas companheiras permanecem as primeiras a se beneficiarem. Ela lhes inspirava uma pertença fundamental à Comunidade, aos nossos Venerados Superiores, uma fidelidade total às nossas Santas Regras que ela mesma observava com uma escrupulosa exatidão. Ela notava um pouco de descuido na prática dos santos

Votos, isto a afligia: *“Deus não pode abençoar uma pessoa que menospreza sua Santa Vontade”* assegurava. Em seguida, energeticamente, ela reconduzia no caminho certo.

Sua constante serenidade, seu amável sorriso, convidavam à confiança. Sempre pronta a desculpar, a atenuar as faltas, ela formava à virtude e exigia o máximo de cada uma. Pelo serviço dos Pobres, era necessário sacrificar tudo e saber partir, para realizá-lo, do refeitório, da recreação, ou da Capela: *“Tal doente precisa de você, vá depressa!”* Mas se, por descuido ou imprudência, uma Irmã chegava atrasada a um exercício, ela mostrava a hora, em silêncio; depois, quando a companheira pedia perdão: *“Você sabe o quanto a falta de exatidão me desagrada... Oh! não a mim, pobre criatura... mas a Nosso Senhor. Vá à Capela pedir-lhe perdão”*.

Uma vida familiar muito íntima facilita o esquecimento das fadigas e as dificuldades do ofício. Para ganhar todos os corações e entregá-los ao Divino Mestre a Irmã Assistente adotava com uma abnegação sobrenatural, os gostos, os costumes, os hábitos do país e verdadeiramente, depois de 50 anos vividos na Guatemala, somente as pessoas a conheciam bem, sabiam que ela nascera no outro lado da terra. Quantas Lutas, vitórias ocultas nesta transformação de um caráter inflexível, arrogante, num acolhimento sempre sincero e humilde ao mesmo tempo.

Viver como Filha da Caridade, era o que ela exigia de cada uma das Irmãs que lhes eram confiadas, sobretudo, era o que ela praticava.

- *Todas as sextas-feiras, você me advertirá em particular das faltas que você terá notado em mim*, pedia ela a uma companheira.

- *Perdoe-me, Irmã Assistente, eu não posso fazer isto, eu nunca vi em você qualquer coisa repreensível. Permita-me dizer-lhe que sua humildade ultrapassa os limites.*

- *Você o fará mesmo assim*, retoma Irmã Samulowska, com um tom que obrigava à obediência.

Sua permanência na Capela penetrava de fé as pessoas que a observavam. Sua pureza de alma se refletia em seu olhar; tinha horror das menores faltas e combatia cuidadosamente o que era inspirado pelo espírito do mundo. Seu modo de tratar dos caracteres difíceis, sua bondade, tornava-a acessível a todas, pois cada um se sentia à vontade.

Sua solicitude materna acompanhava as Irmãs em mudanças. Uma delas, penalizada pelas mudanças sucessivas recebeu este bilhete: *“Eis a bolinha do bom Jesus. Veja, minha amiguinha, deixa-te contristar, o bom Mestre sabe do que precisas”*.

Uma jovem Irmã doente que lhe confiou seu medo de retornar ao mundo, sentiu-se totalmente confortada por estes encorajamentos cuja realização não demorou: *“Tenha confiança na Santíssima Virgem: Ela a quer aqui e a protegerá; as verdadeiras vocações mantêm-se. Façamos juntas uma novena a nossa Mãe do Céu, Ela a curará. É uma provação permitida por Nosso Senhor em seus primeiros anos de vocação, como freqüentemente acontece. Isto deve servir para te fortalecer no amor de nossa santa vocação e te tornar bem fervorosa”*.

Uma Irmã conta ainda o seguinte fato: “Eu fazia o meu Postulado no Hospital Geral, ao mesmo tempo que minha irmã mais nova. Quando chegou o aniversário de nosso pai, eu me aproximei da Irmã Assistente e lhe pedi timidamente para rezar uma Ave-Maria em suas intenções, já que, pela primeira vez, suas filhas não poderiam festejá-lo. Com um amável sorriso ela atendeu o meu desejo. À tarde, ela pediu que me chamassem para dizer: *“Amanhã, vocês poderão abraçar seu pai, eu pedi para preveni-lo, ele virá vê-las”*. E me deu dois pacotes pequenos: *“Vocês lhes oferecerão estas lembranças”*. Nossos parabéns emocionaram tanto meu pai, que ele exclamou: *“Quanto é nobre sua Comunidade para que tenha em seu seio corações como o da Irmã Assistente”*.



Esta bondade estendia-se a todos, exercia uma influência extraordinária sobre os médicos e os estudantes do grande Hospital. Um destes últimos sabendo da doença de Irmã Samulowska veio vê-la e começou a lembrar o passado: “Você se lembra, Irmã Assistente, o que aconteceu quando eu era estudante?... Era a festa anual, todos os meus colegas tinham ido embora e eu fiquei sozinho no pátio. Você passou e me perguntou o que eu fazia ali. Eu respondi: “*Eu estudo...*”. “*Hum! Hum! Eu estudo...*” você repetiu, com um ar de dúvida distanciando-se. E alguns momentos depois, você voltou com um envelope contendo o que me faltava para eu ir à festa. Você adivinhou a causa de meu zêlo pelo estudo! O tempo passa, mas essas coisas não se esquecem”.

Alguns acontecimentos mais marcantes pontuam emoções diversas, estes anos longos de incessante trabalho.

Em 1920, antes mesmo que as ruínas acumuladas pelos terremotos fossem completamente tiradas, a guerra civil se assolou na capital: não houve vítimas em nossas cinco casas, mas, durante uma semana a situação do hospital, cheio de feridos e faltando água, foi crítica.

Porém, o esforço geral levou a reestruturação rápida, já que o ano seguinte, depois de uma visita oficial às Obras francesas da Guatemala, o General Mangin falou nestes termos: “Os hospitais e os orfanatos são administrados pelas Irmãs de São Vicente de Paulo que realizam neles uma obra admirável. Chegaram 8 em 1875, elas são 300, contudo, número bem insuficiente. O contato delas com a população inteira é permanente e sempre beneficente; elas cuidam dos doentes que se sucedem sem cessar; elas educam as crianças cujas gerações mudam e, constantemente, mostram-se admiráveis. A dedicação imutável delas chega sempre generosamente até ao heroísmo, sem nenhuma esperança de recompensa neste mundo. Há alguma propaganda que tenha o mesmo valor? Visitando o hospital da Guatemala, constato a boa manutenção deste estabelecimento-modelo, que merecia ser admirado por todos os países da Europa. O Diretor me fez observar que era por intermédio dos lábios franceses que os médicos da América Central entravam em contato com a ciência; eles se queixavam de nossos mestres, e que vários foram diretamente seus alunos em Paris”.

Se o nome de Irmã Samulowska não aparece nestes linhas, é fácil, sabendo dos desastres sofridos pelo hospital, compreender a parte que lhe cabe neste elogio!

Quando o decreto da Santa Sé foi publicado, sobre a mudança regular dos Superiores, Irmã Samulowska deixou o Hospital Geral pelo Hospício. No meio da multidão de crianças que povoava esta casa, ela se encontrava no seu elemento, da mesma maneira que junto aos seus pacientes, pois seu espírito de fé a ajudava a procurar e a encontrar, em uns e n’outros, o Mestre adorado. Com os pequeninos da Creche, ela deixava transbordar sua ternura: “*Amem e cuidem bem de seus pequenos Jesus, recomendava ela às suas companheiras. “Semeiem sobretudo, em suas almas o conhecimento e o amor de Deus, pois, embora eles possam se desviar na vida, retrocederão em seus passos e serão eternamente de Deus: isto depende de vocês”.*”

De volta ao Hospital, os últimos dez anos de sua vida foram apenas uma continuação de provações, aceitas com um coração manso submisso ao bom querer divino. Mudança de governo e mudança de Administração transformaram a casa num verdadeiro campo de batalha. Às exigências modernas foram acrescentadas as suspeitas, as injustiças, as ameaças. A escola de enfermagem, fundada pela inesquecível Irmã Galloti, fruto do esforço e do sacrifício das Irmãs, foi secularizada em 1940. Privada de toda a autoridade, Irmã Assistente sente a necessidade de enviar suas companheiras para fazer estudos, para evitar vê-las serem substituídas por enfermeiras: algumas fazem cursos por correspondência, outras são matriculadas na Escola Nacional, três delas vão para os Estados Unidos, a fim de se aperfeiçoarem.

“*Eu não sou nada*”, constatava simplesmente Irmã Samulowska. Sua alma humilde e forte não se abalava com a situação.

A Santíssima Virgem, da qual ela fala sem cessar, ajuda-a em suas dificuldades, como afirmava durante sua longa e tão cruel enfermidade. Seu desejo íntimo: morrer depressa para não ter que receber algum cuidado particular, não foi o mesmo de Deus: Ele a julgou digna de sofrer ainda. Seu último ano na terra – o Ano Santo – foi um verdadeiro martírio: um câncer na face que nada pôde curar, a faz esgotar toda a sua medida de paciência. Quando a dor era muito aguda, ela gemia: “*Jesus! meu pequeno Jesus!*” e algumas lágrimas corriam em silêncio.

Finalmente, em 6 de dezembro de 1950, enquanto a Irmã Diretora recitava o “Lembraivos”, terminando assim o terço da Imaculada Conceição, recitado em volta de seu leito por todas as suas companheiras, a alma de Irmã Samulowska partiu para contemplar no Céu, Aquela que dignou-se manifestar aqui na terra, seu glorioso privilégio.



IRMÃ BÁRBARA SAMULOWSKA  
1865-1950

**Oração para obter graças  
por intercessão da Serva de Deus,  
Irmã Bárbara SAMULOWSKA**

Deus todo-poderoso e misericordioso, nós Te damos graças pelas aparições da Virgem Maria a Bárbara Samulowska, em Gietrzwald e pelo testemunho de sua vida de Filha da Caridade.

Senhor, autor de todo o bem, nós Te suplicamos humildemente nos conceder, pela intercessão de tua Serva, as graças que mais particularmente precisamos para te amar, te servir em nossos irmãos.

Deus, Fonte de toda a santidade, nós Te pedimos também a graça da beatificação de Irmã Bárbara Samulowska, afim de que, sua vida inteiramente doada a Deus, em comunidade para o serviço dos pobres, suscite nos cristãos o mesmo dinamismo de caridade evangélica.

**NOTÍCIAS BREVES**

**Obtenção, para a Companhia, do Estatuto consultivo  
junto ao Conselho Econômico e Social da ONU.**

No dia **22 de janeiro de 2007**, a Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo obteve o Estatuto consultivo junto ao Conselho Econômico e Social da ONU. **A Companhia é reconhecida neste órgão como uma Organização não governamental** que se dedica às causas da injustiça, preconiza a promoção integral da pessoa humana e favorece o restabelecimento da paz.

O Conselho Econômico e Social é, nos termos da Constituição, o órgão principal de coordenação das atividades econômicas e sociais da ONU e de seus órgãos e instituições especializadas. Este Conselho examina as questões econômicas e sociais internacionais que têm um caráter mundial. Elabora, em favor dos Estados Membros e do sistema das Nações Unidas em seu todo, as recomendações práticas sobre estas questões. O Conselho tem também a competência de formular recomendações sobre as questões internacionais nos aspectos econômico, social, cultural, educacional, saúde pública e em outros aspectos similares e encorajar o respeito efetivo dos direitos humanos e das liberdades fundamentais de todos. Tem igualmente por missão consultar as Organizações não governamentais interessadas pelas questões das quais se ocupa. Reconhece que estas organizações – das quais a Companhia faz agora oficialmente parte – devem poder dar suas opiniões, visto que estas têm sempre uma experiência ou conhecimentos particulares que podem ser úteis em seus trabalhos.

Irmã Margaret John Kelly muito nos ajudou a elaborar e apresentar o documento de admissão. Irmã Germaine Price é a representante da Companhia junto ao Conselho Econômico e Social da ONU.

### NOTÍCIAS BREVES

#### **25 anos de vocação das primeiras Irmãs da Província da África Central.**

Em 1981, as três primeiras postulantes do Burundi e Ruanda começavam o seu Seminário em Bujumbura. No dia 14 de junho de 2006, estas primeiras Irmãs celebraram seus 25 anos de vocação. Apesar das provações e dos perigos enfrentados em seu país, as Irmãs não deixaram de testemunhar, por sua perseverança, que a aventura de amar é possível: *“As torrentes não poderiam extinguir o amor, nem os rios o poderiam submergir”* (Ct 8,7).

Hoje, elas continuam testemunhando a felicidade simples e profunda de servir a Cristo na pessoa dos pobres, a alegria de pertencer a uma Companhia internacional que se esforça para desenhar sobre a terra um arco-íris no meio das nuvens. Estes 25 anos, ricos de generosidade e de verdadeira fraternidade, são também cheios de promessas e de esperança para o futuro. (Província da África Central).

#### **Uma Luz na escuridão**

Na noite de 30 de setembro de 2006, Nápoles celebrou a “noite de luz”: 8 Igrejas abertas a noite toda para propor a todos aqueles que desejassem fazer um tempo de oração, de adoração eucarística, de cantos, representações evangélicas... O arcebispo de Nápoles quis celebrar com os jovens esta “noite missionária”, anunciando a todos que, entre tantas luzes, há uma que nunca se apaga: Jesus Cristo.

Depois de um dia de preparação, o bispo envia em missão os jovens, leigos, religiosos (as), padres. Nós, Filhas da Caridade fomos à paróquia Santa Catarina em Chiaia. Mais de cem pessoas foram à paróquia para rezar conosco. Este tempo forte permitiu-nos viver juntos uma experiência de fé e de verdadeira partilha de vida.

Na Catedral, o Bispo passou várias horas atendendo confissões e testemunhando a esperança. Graças à sua iniciativa, mais de 2000 pessoas viveram um tempo forte de fé, oração, partilha de vida durante esta noite. **(Província de Nápoles).**

## **FONTES E ATUALIDADES**

### Introdução

*“Uma instituição esquecida de seu próprio passado terá dificuldade em situar e definir sua missão entre os homens em função de um determinado contexto social, cultural e religioso”.*

Este lembrete de nossas origens nos incita hoje a programar a transmissão do Patrimônio espiritual deixado por São Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac, transmissão como momento da tradição, como memória da evangelização, como instrumento pastoral.

A descoberta do Patrimônio cultural da Companhia durante o ano de 2006 encantou 1.514 visitantes: Filhas da Caridade, Padres da Missão e aqueles que nós chamamos familiarmente “os vicentinos” de todos os países. Este Patrimônio materializado corresponde aos escritos autografados, manuscritos, impressos... aos documentos administrativos desde a Fundação; as expressões artísticas picturais ou estatuárias.

Depois de uma partilha, avaliando retrospectivamente estas visitas, o problema da transmissão de nossos tesouros espirituais e culturais ao conjunto das Irmãs do planeta provocou algumas observações sérias: todas as Irmãs não têm a alegria de vir à Casa-Mãe. As traduções necessárias dos textos não existem em todos os idiomas; algumas Províncias recentes ainda não têm estes textos à sua disposição. E por isso, pensamos que os Ecos seriam um bom meio, entre outros, para saciar o desejo de um melhor conhecimento.

Depois de entendimento com a Comissão dos Ecos, as Irmãs dos Arquivos propuseram o seguinte tema: **“Nossos santos Fundadores e o cuidado à vida”.**

Durante o ano de 2007, no capítulo “História da Companhia”, cada número oferecerá o comentário de um texto de nossos Fundadores. O texto será reproduzido do original com as respectivas referências e algumas indicações complementares. São Vicente e Santa Luísa falarão conosco por atos, dando-nos significado à nossa vida de cada dia de “Toda doada a Deus”. Graças às Irmãs tradutoras, todas as Irmãs poderão assim “beber na fonte” e, como Maria “meditar em seu coração”.

Irmã Claire HERRMANN  
*Filha da Caridade*

## **FONTES E ATUALIDADES**

### O ofício da Cozinheira visto por Santa Luísa

Luísa de Marillac, mulher previdente e organizada, depressa reconheceu a necessidade de um Regulamento para os diferentes ofícios da Companhia nascente.

Considerando que grande parte dos Escritos espirituais nos transmite sua numerosa correspondência, entre 1627 e 1660, a obra termina por seus Pensamentos onde os regulamentos ocupam um grande espaço. A data não é sempre muito exata. O assunto que nos interessa situa-se no período entre 1633 e 1647. Nos artigos A 91 bis e A 92, Luísa trata do Regulamento particular detalhado. Assim o é para o ofício da cozinheira.

Este ofício foi sempre considerado como um serviço simples e humilde. Porém, Luísa diz que ele “é um dos mais importantes para a boa ordem da Casa”. Sobre o mesmo assunto, ela dirá também: “servir as Irmãs ou os Pobres é servir Nosso Senhor”.

Para realizar bem seu serviço, a Irmã cozinheira deve mostrar algumas qualidades profissionais indispensáveis.

Ela deve ser **previdente**: *“Cuidará de preparar já desde a noitinha, água suficiente para poder pôr no cozido de carnes pela manhã bem cedo; fará o mesmo com a lenha”*. Esta providência deve também ser feita durante o dia. *“Trabalhará com diligência, durante toda a manhã, informando-se cedo sobre o que ela deverá preparar para a refeição”*.

Da mesma maneira, *“às cinco, começará a fazer o jantar, a não ser que haja doentes ou pessoas em Retiro, porque, em tal caso iniciá-lo-á às quatro e meia”*.

A previdência da cozinheira se manifesta na exatidão, a preocupação da hora. Não se trata de apressar-se no último minuto. Trata-se de estar pronto a tempo e não fazer deixar ninguém esperando, sobretudo, os doentes ou as pessoas de passagem. *“Será pontualíssima em ter tudo pronto para o almoço às onze e meia e o jantar às seis horas em ponto”*.

*“Se algum dia acontecer que não se tenha picado a verdura na véspera, pedirá que lhe dêem uma Irmã para ajudar, assim como nos outros dias em que tiver necessidade, para não deixar de ter o almoço pronto, às onze e meia”*.

*“Organizará de tal modo o que vai preparar que terá sempre uma quantidade igual de porções”*.

Se a previdência é necessária, a **experiência** é bem mais. Luísa fala por experiência. Ela foi formada às tarefas domésticas quando foi colocada na pensão de família. Ela dá a este serviço uma grande atenção, quando se tornou esposa e mãe.

A experiência, para ela, consiste em arrumar bem os pratos que serão servidos e, sobretudo, no modo de apresentá-los. Ela ferve a panela, utiliza as verduras.

*“Fará com que a carne não fique nem cozida demais, nem crua demais; tratando-se de carne refogada, aprontará um bom tempero, sem muito sal, nem muito vinagre, porque isso é prejudicial à saúde. Porém, tão pouco deve estar sem condimento ao ponto de as Irmãs não conseguirem comê-la”*.

Ela deve ter **um cuidado todo especial** na preparação dos pratos **para as doentes** cujo apetite precisa ser estimulado.

*“Quando houver Irmãs realmente doentes terá de redobrar seu cuidado em preparar-lhe bons caldos, pensando que a maneira de prepará-los, mais que a quantidade de carne que neles ponha, faz com os torne saborosos e agradáveis às doentes. Ao fazer a sopa, guardará sempre caldo para as Irmãs doentes tomarem à noite”*.

*“Quando souber que alguma está indisposta ou muito inapetente, dar-lhe-á, com caridade, o melhor que tiver e o que lhe parecer mais adequado para sua enfermidade”*.

Luísa pede uma **grande higiene** à Irmã encarregada da cozinha. Isto depende da qualidade de seu serviço e da caridade para com aqueles que ela serve.

*“Procurará, com esmero, estar ela própria bem limpa, como tudo o que fizer, para evitar que se encontre algo de repugnante na sopa ou nos outros pratos”.*

*“Terá cuidado de preparar a comida com presteza e o melhor que puder de tal modo que semelhante esmero supra os manjares mais deliciosos servidos em outras Comunidades”.*

A Irmã cozinheira deve também ter cuidado em **ser justa**. *“A dita Irmã precisa de grande caridade e prudência para não se levar pelo desejo de dar mais a umas que às outras; sua obrigação deve impulsioná-la a amar e a dar, igualmente, a todas as Irmãs aquilo de que necessitam”.*

Em todas as coisas, será necessário **agir com calma e ponderação**, evitar a precipitação, favorecer o silêncio. Como a cozinha é um lugar propício às reclamações e recriminações, *“Receberá com humildade, as advertências e reprimendas que se lhe façam e terá vontade de aproveitar-se delas”.*

*“E uma vez que haja cumprido seu dever em tudo, exortamo-la a não se afligir, nem se apoquentar com as queixas que algumas Irmãs poderiam fazer de que prepara demais ou não prepara bastante ou prepara mal o alimento, nem inclusive, se essas pessoas descontentes acusassem-na de escolher o melhor para si. Procurará aproveitar dessas críticas, suportando-as com mansidão e consolar-se-á pensando que também censuraram Nosso Senhor quando servia o próximo, alegrando-se com isso, não se sentindo culpada”.*

Além das qualidades que lhe são específicas, a Irmã cozinheira terá **cuidado para ser fiel aos exercícios de piedade de toda a Comunidade...** embora as necessidades do serviço às vezes requeiram alguma conciliação.

*“Irà à Capela, do mesmo que as outras (Irmãs), às quatro e meia; fará a oração em paz e sairá depois do Ângelus para ir acender o fogo. Colocará a panela (para cozinhar), ficando por perto até que ela esteja fervendo e tenha espumado. Depois de acender o fogo, poderá, mesmo na cozinha, terminar as orações que (as Irmãs) estão fazendo nesse momento, sem deixar de vigiar o fogão”.*

*“Depois de o “cozido” ter espumado, irá à Missa, a não ser que haja algum doente a quem se deva dar um caldo. Neste caso, o preparará, indo depois à Missa, com a devida permissão”.*

Fará da mesma maneira para os exercícios da noite:

*“Irà à Capela, às cinco e meia para escutar a leitura e fazer um quarto de hora de oração, indo terminá-la na cozinha. Tudo deverá estar pronto a fim de entregar as porções quando as Irmãs chegarem ao refeitório, isto é, às seis e um quarto ou pouco antes...”.*

A união a Deus favorecerá nela a caridade, a amabilidade, a justiça.

*“A dita Irmã precisa de grande caridade e prudência para não se levar pelo desejo de dar mais a umas que às outras; sua obrigação deve impulsioná-la a amar e a dar, igualmente, a todas as Irmãs aquilo de que necessitam”.*

Um último ponto deste regulamento parece fundamental, pois, traduz a atitude que deve ser a de toda Filha da Caridade.

*“É sempre preciso, quer dando, quer recusando, o faça com afabilidade e de bom grado”.*

Santa Luísa insiste muito **na doçura** e a recomenda às suas filhas, pois, a doçura está intimamente ligada à caridade e à humildade.

Finalmente, se estes conselhos se dirigem àquela que faz o ofício de cozinheira, eles podem interessar a todas as formas de serviço de uma Filha da Caridade.

Através deste regulamento para as Irmãs cozinheiras, nós também podemos descobrir as grandes qualidades de Santa Luísa. É uma mulher prudente, organizada, atenta, boa, delicada. Ela nos mostra que as tarefas materiais podem ter um valor sobrenatural, se nós as realizarmos no amor de Deus e dos outros.

Depois destas considerações sobre o regulamento da Irmã cozinheira, seria bom reler o texto completo dos Pensamentos de Luísa de Marillac, contidos nos Escritos espirituais – Edição francesa. A 91 bis, página 873 e A 92, página 924.

Irmã Aline GRODZISKI  
*Serviço dos Arquivos*

### **ESPECIAL SOBRE O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE MÈRE SUZANNE GUILLEMIN**

Mère Suzanne Guillemin

Filha de Deus – Filha da Igreja  
Superiora geral da Companhia  
1906 - 1968

*“A conversão que aqui procuramos é: descobrir que o Concílio não passará sem nós. Ele constitui uma etapa da vida da Igreja a que pertencemos; uma ação de Deus na Sua Igreja que passa através de todo o corpo eclesial, da cabeça aos membros. Se a nossa mentalidade, a nossa vida, certos hábitos dos cristãos não forem renovados e transformados pelo Concílio, será sinal certo da falta de êxito. É a Igreja toda que está em estado de Concílio”* (Monsenhor Lochet).

Estas poucas linhas, utilizadas por Mère Guillemin para colocar a Companhia em “estado de Concílio”, já nos colocam no caminho do proceder da Companhia durante seu generalato. A riqueza de sua personalidade se expressará no comentário da deliberação para atribuí-la à toda a Companhia.

*“Neste corpo eclesial de que se trata, a pequena Companhia inscreve-se no humilde lugar de Filha da Caridade Serva dos Pobres Doentes. Com todos os outros membros da Igreja é chamada ao compromisso integral no trabalho do Concílio; a tomar parte no que se refere à grande revisão de vida eclesial, a essa magistral reflexão apostólica. Vai passar pelo mundo e **sobre nós** a graça de um novo Pentecostes, com a sua luz e a sua força. O Espírito Santo não faltará à Igreja reunida em Concílio, mas não poderemos nós faltar ao Espírito Santo? Perdurem as palavras do Evangelho: “Aquele que pode compreender, compreenda”. Só em certas condições poderemos compreender a voz do Espírito Santo, só em certas disposições interiores, não novas, mas renovadas. Para as descobrir, basta dirigirmos o nosso pensamento para o espírito eminentemente evangélico da nossa origem, espírito que entregou os nossos Santos Fundando à ação de Deus e fez deles admiráveis servos da Igreja. Será pelos corações humildes e simples, pelas almas ardentes de caridade que as graças do Concílio serão recebidas e frutificarão na Igreja”.*

Este preâmbulo um pouco longo era necessário para compreender até que ponto, Mère Guillemin deixava Deus falar antes de nós. De sua vida interior, ela pouco falará, mas ela respirava Deus e vivia com Ele numa intimidade familiar... Por ocasião do centenário de seu

nascimento, Mère Guillemin foi sempre o assunto da conversa das Irmãs, mesmo sem conhecê-la realmente. Durante este ano de 2007, com algumas características fortes de sua vida, nós a veremos vivendo em sua relação com Deus e com a Igreja, a serviço da Companhia e a serviço da Igreja e como ela mesma dizia “viver a hora atual como Filha da Caridade”. Seguiremos o seguinte plano:

**Introdução:** Suzanne Guillemin em família

**I – Suzanne Guillemin, Filha da Caridade**

- Os primeiros anos de vocação
- Irmã Servente em São Bernardo da Capela
- Irmã Servente em Tourcoing e Visitadora

**II – A serviço da Companhia**

- A Central das Obras
- Ad intra: organização material e administrativa
- Ad extra: relações civis e eclesiais
- Participação

**III – À frente da Companhia**

- Organização administrativa
- Conhecimento das Províncias
- Formação
- Ensino: viver a hora atual como Filha da Caridade

**IV – A serviço da Igreja**

- O Concílio: sua integração nos trabalhos do Concílio

**V – A serviço da Igreja depois do Concílio**

- Atualização da Companhia
- A mensagem do Concílio às religiosas, aos leigos engajados, à Missão operária.

**VI – Apêndice**

## Introdução

### SUZANNE GUILLEMIN EM FAMÍLIA

Suzanne Guillemin nasceu há cem anos atrás, no dia 16 de outubro de 1906 em Rethel, pequena cidade da Ardenas na França. Seu pai era considerado como um homem de grande valor na pequena cidade. Eleito Prefeito de Rethel, depois da Primeira Guerra Mundial, dirigia os trabalhos de reconstrução da pequena cidade mais ou menos completamente destruída.

Senhora Guillemin fará algumas confidências sobre a infância de Suzanne quando ela pronunciará seus votos pela primeira vez: “ela sempre foi uma criança encantadora, dócil, muito estudiosa – o que não impedia as batalhas com Pierre, seu irmão primogênito que tinha dois anos mais que ela”.

De 8 a 11 anos, durante a Primeira Guerra Mundial, ela habitará em Paris com sua mãe e seu irmão. “*Esta era a vida das crianças em Paris, diz ela, eu brincava com patins de rodas e patinava nas calçadas de Champs Elysées*”.

Suzanne era muito brilhante nos estudos, muito talentosa para desenho e as artes de diversão. “*Tinha muito gosto, dizia seu irmão Jean, e um amor pelo “belo” bem desenvolvido. Este amor era nela uma forma certa da homenagem a Deus e à sua criação. As coisas feias lhe faziam horror, fossem elas suntuosas, sobretudo, quando se tratava de edifícios consagrados a Deus*”.



Mais tarde, Suzanne se fez notar por um caráter bem equilibrado, uma personalidade bem firme. Aos 17 anos, ela possuía um domínio de si excepcional, uma perfeição constante, uma devoção rara: Missa cedo diariamente, mesmo nas férias.

## **I – SUZANNE GUILLEMIN, FILHA DA CARIDADE**

### **OS PRIMEIROS ANOS DE VOCAÇÃO**

Em 1927, ela entrou na Companhia das Filhas da Caridade, tomou o hábito em 1928 e foi colocada em sua primeira missão em São Bernardo da Capela no 18º distrito de Paris onde durante dez anos, ela será chamada Irmã Catarina.

Sua Superiora, alma profundamente interior, animada por um grande amor pelos pobres, marca de sua santidade e de sua “sensibilidade pelos mais pobres”. O dispensário lhe foi confiado. Uma numerosa clientela sofredora, indo da consulta das crianças às pobres mulheres aflitas com úlceras varicosas, a esperava diariamente. A tarde era dedicada à visita dos doentes e dos pobres.

As quintas-feiras tinham um outro rosto: catequeses, patronato e freqüentemente saída para o Bosque de “Boulogne” com um turbulento grupo de 70 a 80 crianças realmente “garotos de Paris”, que se empurravam à porfia no metrô num “terrível” alvoroço.

Em 1932, mudança de Irmã Servente. Irmã Camman ajudará Irmã Catarina na preparação dos santos votos. Em 1934, a Associação das Filhas de Maria, então florescente, foi-lhe confiada, sem mudar suas outras ocupações.

Um espetáculo de alto valor educativo: **A Paixão do Salvador** entrou no programa do grande Patronato. Ela zelava para que as sessões fossem a ocasião de uma cultura artística e literária de qualidade. Esta Paixão foi reapresentada nos anos seguintes duas vezes por ano nos domingos da Paixão e de Ramos. E depois, ela encontra o tempo de compor uma Pastorinha que foi apresentada no Natal de 1947 e 1948 com um igual sucesso.

### **IRMÃ SERVENTE EM SÃO BERNARDO DA CAPELA**

1938, Irmã Catarina é nomeada Irmã Servente de sua casa. A vida contínua. Ela permanecerá lá dez anos durante os quais seus dons naturais e sobrenaturais podem desenvolverem-se à vontade. Indo sempre além, nada a impedia de ajudar suas companheiras fisicamente e moralmente. Ela se preocupava com a formação humana, cultural e espiritual de cada Irmã. E assim também em relação às jovens que não cessavam de destacar em seus testemunhos, seu espírito aberto, seu equilíbrio, sua maturidade humana e espiritual, seu discernimento tão correto, ajudando cada uma a equilibrar-se.

É impossível deixar passar em silêncio dois acontecimentos que Irmã Guillemin viveu com coragem e domínio próprio. Durante a guerra de 1939-1945, a Casa das Irmãs foi um posto de emergência para a Defesa Passiva por ocasião dos alertas, uma vez tomadas as disposições preventivas, as Irmãs não eram mais solicitadas para nenhuma obrigação urgente. Duas circunstâncias trágicas perturbaram esta aparente tranquilidade.

1940: os refugiados da Bélgica e do Norte da França acorrem para Paris. Irmã Guillemin acolhe em sua Casa muitos destes pobres com toda a sensibilidade e zelo que se pode esperar de

uma verdadeira Irmã de São Vicente de Paulo: hospedagem, alimentação, cuidado e sobretudo, caridade cordial e incansável.

O outro acontecimento, em abril de 1944, atinge de cheio toda a vida da Casa, do bairro impiedosamente bombardeado em plena noite. Foi o vigário da Paróquia que não pode impedir-se de admirar a coragem e o domínio da Superiora nesta catástrofe, para chamar os socorros: evacuação das pessoas idosas e das jovens do Lar para os abrigos vizinhos, acolhimento dos pobres cuja casa foi destruída, curativos dos feridos, cuidados de urgência aos feridos graves esperando pela chegada das ambulâncias. Tudo foi organizado com rapidez, tranquilidade e lucidez no meio da confusão inicial e do pânico geral.

Nada pôde deter o elã de sua caridade. Os alimentos começaram a faltar em Paris. Ninguém ousava colher os legumes nos campos cavados pelo V2 <sup>1</sup>, mas dava-se a autorização para fazê-lo. Foram colhidas amplas provisões para enviá-las a Paris através de transporte alternativo. Todo o seu ser estava mobilizado a serviço da caridade.

### **IRMÃ SERVENTE EM TOURCOING E VISITADORA**

Em 1º de abril de 1948, chegou em Tourcoing como Irmã Servente da Casa e Visitadora das Casas do Norte da França. Numa de suas cartas, ela descreve a casa: *“Em Tourcoing, eu tenho 13 Irmãs, duas boas anciãs, três não fizeram os votos e as outras de todas as idades. Visita aos pobres de 6 paróquias, orfanato, oficina profissional, casa velha, feia e escura, mas de uma limpeza meticulosa. Bom espírito, verdadeiras obras dos pobres. Nenhuma assistente presente ou prevista, mas eu preciso absolutamente de uma. As duas responsabilidades são impossíveis de serem desempenhadas juntas”*.

E eis Irmã Guillemmin em ação. Ela empreendeu ativamente a modernização de sua casa, reformou a Capela, traçando ela própria os planos. Encarregou-se de encontrar uma casa para as férias das crianças do orfanato, porque se preocupava com sua felicidade e desenvolvimento.

Ao mesmo tempo, ela devia assegurar o ofício da importante Casa das crianças de Tourcoing e assumir o de Visitadora da região Norte, o que compreendia 48 estabelecimentos dentre os quais 10 hospitais e hospícios, 23 casas de caridade para as obras polivalentes. Dez outras destas casas de caridade foram mais especialmente inseridas nas importantes regiões de minas de carvão.

Irmã Guillemmin realizava seu ofício de “Velar” com compreensão, respondendo ao primeiro apelo com uma profunda fé, sem contar com tempo ou ao sofrimento.

A confiança na Providência valeu-lhe alguns socorros do Céu. Ela reconhecia as dificuldades do acolhimento de crianças antes de 6-7 anos. Como sempre, ela esperava por uma indicação providencial; esta veio sem tardar: em um mês, quatro meninas entre 11 e 18 meses cujos casos eram tão trágicos que lhe parecia impossível recusá-las... chegou a vinte bebês. Na cidade, falava-se do orfanato e do dinamismo da Superiora. Um dia, a Casa recebeu a visita de um conselheiro municipal encarregado de avaliar o estado dos lugares. Ele ficou impressionado pela inexistência de instalação sanitária... Quando o visitador saiu despediu-se, Irmã Guillemmin diz simplesmente: *“Provavelmente duas horas perdidas ... enfim!”*

O resultado não se fez esperar! Graças a esta visita, a modernização completa do orfanato pôde começar.

Para continuar a obra, Irmã Guillemin teve a iniciativa de criar um Conselho técnico de administração compreendendo industriais, benfeitores de obra para refletir juntos nos problemas do momento: “*Os externos sempre têm um outro olhar sobre o mundo*” dizia ela.

### **A circunscrição do Norte da França.**

Sua missão consistia em fazer o vínculo entre os Superiores Maiores e as Casas, as Obras e especialmente com as Irmãs. Irmã Guillemin era impregnada de um lado pela necessidade de abertura sobre os problemas comunitários e por outro, os problemas sociais. Daí as visitas regulares para um conhecimento aprofundado das casas e, sobretudo, das Irmãs com as quais ela quis pessoalmente ter vínculos. Ela zelava especialmente sobre as jovens Irmãs Serventes, acompanhando-as com a maior atenção. Os retiros das Irmãs em Tourcoing eram o objeto de um cuidado todo especial quanto aos detalhes e à organização material. Depois da partida das retirantes, ela ajudava na arrumação...

Deixando Tourcoing, sob um céu coberto com nuvens pretas, ela diz à Irmã que a acompanhava: “*as nuvens mais pretas sempre têm suas franjas de ouro*”.

(continua)

Irmã Claire HERRMANN,  
*Serviço dos Arquivos*

### **Notas**

<sup>1</sup> V2 : foguete portador de explosivos com ação de grande raio muito utilizado durante a Segunda Guerra Mundial

### **ALGUMAS MÁXIMAS DE LUÍSA DE MARILLAC <sup>1</sup>**

Página 355, nº 71

Filhas da Caridade, refleti sobre o nome que tendes! É uma advertência contínua da obrigação particular que tendes de trabalhar na prática desta grande virtude.

Página 357, nº 81

A perfeição não consiste no estudo cansativo do que acontece em nosso espírito, mas na coragem de servir a Deus e os pobres, no recolhimento interior, entre as ocupações e na submissão ao bel-prazer de Deus. Eis a verdadeira caridade.

Página 360, nº 93

Em tantas ocasiões que temos de sofrer, de exercitar a doçura, a paciência, tenhamos um grande coração que não encontra nada difícil pelo santo amor de Deus.

---

<sup>1</sup> Trecho de “Luísa de Marillac, viúva do Senhor Le Gras – sua vida, suas virtudes, seu espírito”. Segundo volume – apresentado pelo Padre Fiat – 1886